

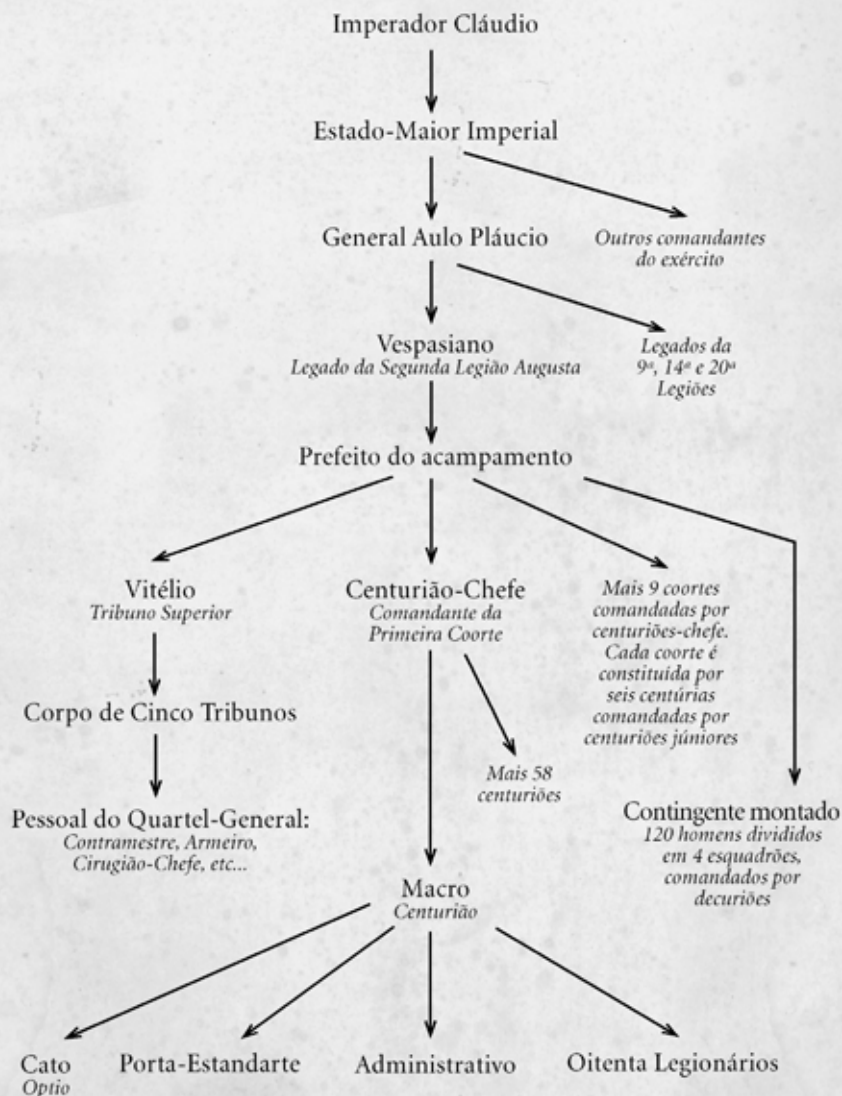
SIMON SCARROW

O VOO DA ÁGUIA

TRADUÇÃO DE LUÍS ROCHA



A CADEIA DE COMANDO ROMANA EM 43 A.C.



ORGANIZA

LEGIÃO ROMANA



A Segunda Legião, com por cerca de cinco mil e quarenta homens, era constituída por cerca de cinco mil e quarenta homens comandada por um centurião, auxiliado por um optio, o segundo no comando. A centúria dividia-se em secções de oito homens que compartilhavam uma divisão de casernas, ou uma tenda quando estavam em campanha. Seis centúrias formavam uma coorte e dez coortes uma legião; a primeira coorte era dupla. Cada legião era acompanhada por uma unidade de cavalaria de cento e vinte homens, distribuída por quatro esquadrões que executavam as funções de batedores ou mensageiros. Em ordem descendente, estas eram as patentes principais:

O Legado, de ascendência aristocrática com cerca de trinta anos, dirigia a legião por uma máximo de cinco anos. O seu objectivo era o de construir uma boa reputação, a fim de melhorar a sua conseguinte carreira política.

O Prefeito do Acampamento era, normalmente, um veterano de idade avançada que tinha sido centurião-chefe da legião e se encontrava no auge da carreira militar. Considerado uma pessoa íntegra e de vasta experiência, era o responsável pelo comando da legião quando o legado se ausentava ou tombava em combate.

Seis Tribunos serviam como oficiais do estado-maior. Eram homens jovens, nos seus vinte anos, que integravam pela primeira vez o exército, de modo a adquirir experiência no âmbito administrativo, antes de assumirem o cargo de oficial subalterno na administração civil. O tribuno superior, pelo contrário, estava destinado a altos cargos políticos e ao eventual comando de uma legião.

Sessenta Centuriões encarregavam-se da disciplina e instrução da legião. Eram zelosamente escolhidos pelas suas capacidades de

comando e pela sua prontidão em lutarem até à morte. Não é de estranhar, assim, que o número de baixas entre estes superasse em muito o índice de baixas nos outros postos. O centurião com mais experiência dirigia a primeira centúria da primeira coorte, sendo uma pessoa respeitada e condecorada.

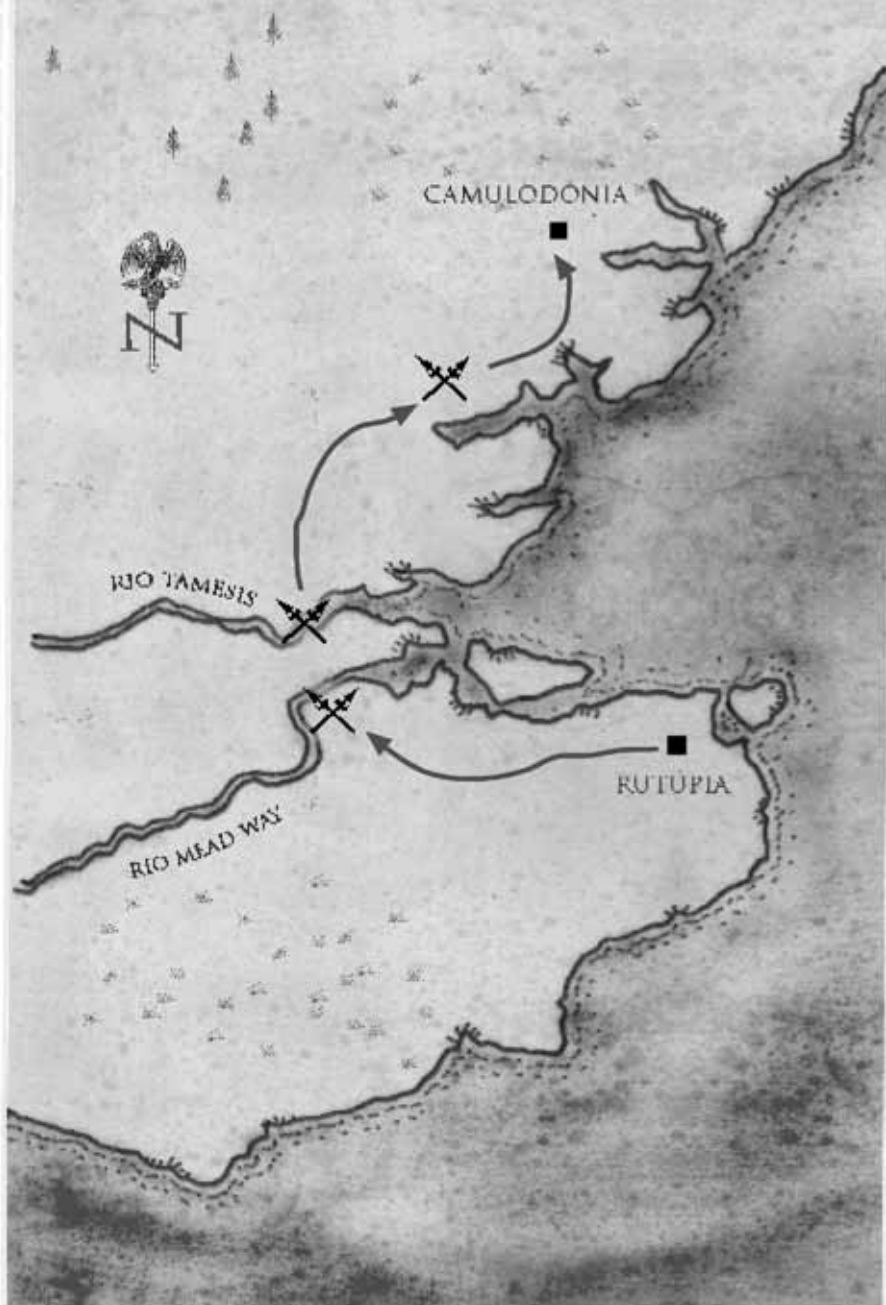
Os quatro Decuriões da legião tinham sob o seu comando os esquadrões de cavalaria, e aspiravam a ascender a comandantes das unidades auxiliares de cavalaria.

Cada centurião era auxiliado por um optio, que desempenhava a função de ordenança com serviços de comando menores. Os optios aspiravam a ocupar uma vaga no posto de centurião.

No escalão inferior ao dos optios encontravam-se os legionários, homens que se tinham alistado por um período de vinte e cinco anos. Em teoria, só se recrutavam cidadãos romanos, mas cada vez mais eram aceites homens de outros povos, e outorgava-se-lhes a cidadania romana ao juntarem-se às legiões.

Os elementos das coortes auxiliares eram de uma categoria inferior à dos legionários. Originários das províncias romanas, serviam o Império na cavalaria, infantaria ligeira e noutras técnicas especializadas. Uma vez cumpridos vinte e cinco anos de serviço era-lhes concedida a cidadania romana.

A INVASÃO DA BRITÂNIA
PELO IMPÉRIO ROMANO - 43 D.C.



inimiga caísse, a coligação de tribos Britânicas, liderada por Carátaco de Catuvelânio, seria destruída. Os quarenta mil homens liderados por Plauto era tudo o que o Imperador Cláudio podia dispensar para a invasão audaz das misteriosas ilhas junto à costa da Gália. Todos os homens do exército sabiam que eram superados em número pelos Bretões. Mas por enquanto o inimigo estava disperso. Se os Romanos pudessem atacar rapidamente no coração da resistência Britânica antes que o desequilíbrio de número pesasse mais contra as legiões, a vitória estaria ao seu alcance. A vontade de avançar estava em todos os corações, apesar das legiões estafadas estarem gratas pelo descanso de um dia e pelo entretenimento das lutas.

Vinte Bretões foram emparelhados entre si e equipados com uma variedade de armas. Para tornar as coisas mais interessantes, os pares foram escolhidos à sorte de um chapéu de legionário e uma mão-cheia de actividades tornou-se divertidamente desequilibrada. Como este último combate.

O porta-estandarte da legião agia como mestre-de-cerimónias e aproximou-se a passos largos do centro da arena, agitando os braços a pedir silêncio. Os seus assistentes apressaram-se a recolher as últimas apostas e Cato sentou-se junto ao seu centurião, tendo apostado cinco contra um. Não muito bem, mas amealhara um mês de salário e se o homem ganhasse, Cato obteria uma boa quantia. Macro apostara no oponente musculoso da espada e escudo. Menos dinheiro, com probabilidades mais seguras, tendo em conta a análise dos lutadores.

— Silêncio! Silêncio aí! — bramava o porta-estandarte. Apesar da atmosfera festiva, o controlo automático da disciplina estendeu-se sobre os legionários presentes. Num instante cerca de dois mil soldados a gritar e a gesticular silenciaram as vozes e sentaram-se para que o combate começasse.

— Último combate, então! À minha direita apresento-vos um

espadachim, bem constituído e um exímio guerreiro, segundo ele afirma.

A multidão gritou trocista. Se o Bretão era assim tão bom, porque lutava agora pela vida tendo sido feito prisioneiro? O espadachim riu com desprezo para a assistência e levantou os braços subitamente, soltando um grito de guerra desafiador. Os legionários vaiaram em resposta. O porta-estandarte permitiu que o barulho continuasse por mais um bocado antes de pedir silêncio novamente. — À minha esquerda temos o tridente. Afirma ser vassalo de um senhor qualquer. Transportador de armas de profissão, mas não usuário. Portanto, isto vai ser rápido e agradável. Agora então, seus bastardos preguiçosos, lembrem-se que os trabalhos recomeçam logo após o sinal do meio-dia.

A multidão grunhiu demasiado para ser convincente, e o porta-estandarte sorriu amigavelmente. — Pois então, lutadores – aos seus lugares!

O porta-estandarte afastou-se do centro da arena, uma superfície relvada, manchada de brilhantes pedaços carmesim onde os lutadores anteriores tinham sucumbido. Os concorrentes foram posicionados por detrás de dois montículos de relva de frente um para o outro. O espadachim ergueu a sua curta espada e o escudo e encolheu-se numa posição de combate. Por oposição, o tridente segurou a sua arma verticalmente e quase parecia apoiar-se nela, com uma expressão indecifrável no rosto. Um legionário deu-lhe um pontapé e disse-lhe para se preparar. O tridente limitou-se a esfregar o sítio magoado.

— Espero que não tenhas apostado muito aquele ali, — comentou Macro.

Cato não respondeu. O que é que o tridente estaria a armar? Onde estava a segurança de há momentos atrás? O homem parecia des preocupado, como se toda a manhã não tivesse passado de um

exercício aborrecido ao invés de uma série de combates até à morte. Era bom que estivesse a representar.

— Comecem! — gritou o porta-estandarte.

Ao som deste grito, o espadachim grunhiu e precipitou-se para cima do seu oponente a quinze pés de distância. O tridente baixou o cabo da sua arma e espetou as serrilhas na garganta do homem mais baixo. O grito de guerra morreu à medida que este último baixava a cabeça, atirava o tridente para o lado e dava uma estocada para um rápido ataque. Mas a resposta foi cuidadosamente trabalhada. Em vez de tentar recuperar a ponta do tridente, o alto Bretão permitiu que a coronha desse a volta e batesse contra o lado da cabeça do espadachim. O seu oponente caiu no chão, momentaneamente baralhado. Rapidamente, o tridente inverteu a arma e mexeu-se para a matança.

Cato sorriu.

— Põe-te de pé, seu bastardo sonolento! — gritou Macro, com as mãos em concha.

O tridente lançou-se sobre a figura no chão, mas uma espada frenética desceu sobre o seu pescoço. O tridente ainda sangrava mas apenas de um golpe no ombro. As pessoas da assistência que tinham feito altas probabilidades gemiam em consternação conforme o espadachim se voltava para o lado e punha-se de pé. Ele arfava, de olhos muito abertos, toda a sua arrogância desaparecera agora que tinha sido habilmente derrotado. O seu alto oponente arrancou o tridente do chão e encolheu-se, com uma expressão feroz destorcendo-lhe o rosto. Não haveria mais fingimento a partir de agora, apenas uma prova de força e habilidade.

— Acaba com isso! — gritava Macro. — Crava-lhe na barriga!

Cato permanecia sentado em silêncio, demasiado inibido para se juntar à gritaria, mas incentivando com urgência o seu homem, os punhos apertados dos lados – apesar da sua habitual aversão para com

este tipo de lutas.

O espadachim moveu-se rapidamente para o lado, testando as reacções do outro para ver se o movimento anterior não teria sido um golpe de sorte. Mas um instante depois as pontas do tridente estavam de novo em contacto com a sua garganta. A multidão aplaudiu em concordância. Afinal seria um bom combate.

De repente o tridente investiu, igualado pelo equilibrado salto para trás do seu oponente, e a multidão voltou a aplaudir.

— Boa jogada! — Macro bateu com um punho na palma da outra mão. — Se tivéssemos enfrentado outros como este, éramos nós quem estaria a lutar ali agora. Estes dois são bons, muito bons.

— Sim senhor, — replicou rigidamente Cato, de olhos fixos no par que rodava um sobre o outro sobre a relva ensanguentada. O sol resplandecia sobre o espectáculo. Os pássaros que cantavam nos carvalhos que rodeavam o vale pareciam deslocados. Por um momento Cato sentiu-se perturbado pela comparação entre os soldados excitados pela luta, animando os dois homens para a morte, e a plácida harmonia da natureza selvagem. Ele sempre desaprovava os espectáculos de gladiadores quando morava em Roma, mas não podia manifestar essa aversão perante uma companhia de soldados que viviam pelo código do sangue, da batalha e da disciplina.

Ouviu-se um som metálico e uma troca frenética de golpes estrépitos. Sem nenhuma vantagem ganha, os dois reassumiram a movimentação em círculo. Um crescente ambiente de frustração tornou-se evidente nas exclamações dos legionários que assistiam e o porta-estandarte pediu a aproximação dos ferros em brasa pelas costas dos lutadores, ferros negros marcados de vermelho, com pontas incandescentes a agitarem-se no ar. Sobre o ombro do espadachim, o tridente apercebeu-se do perigo que se aproximava e desencadeou um ataque de fúria, embatendo na espada do homem mais baixo, tentando

retirar a lâmina do seu alcance. O espadachim bateu-se pela sua vida, utilizando a espada e o escudo conforme ia sendo forçado a recuar em direcção ao lado da arena, mesmo ao encontro dos ferros em brasa.

— Vamos lá! — gritou Cato, agitando o punho, envolvido na excitação. — Já o venceste!

Um guincho agudo dividiu o ar quando os ferros em brasa entraram em contacto com as costas do espadachim e ele retraiu-se instintivamente, directamente para as pontas afiadas do tridente. Ele grunhiu quando uma ponta se espetou na coxa, quase até à anca, e voltou a sair com um esguicho espesso de sangue que escorreu pela perna e pingou para a relva. O espadachim afastou-se rapidamente de lado dos ferros em brasa e tentou impor alguma distância entre ele e as pontas traiçoeiras do tridente. Aqueles que apostaram nele exaltaram o seu apoio, incentivando-o a encurtar a distância e atacar o tridente enquanto ainda podia.

Cato viu que o tridente sorria, ciente de que o tempo estava do seu lado. Só precisava de manter o seu oponente à distância o tempo suficiente para que a perda de sangue o enfraquece-se. E depois aproximar-se para o final. Mas a multidão não estava com disposição para esperar, e vaiou-o furiosamente quando o tridente se afastou do seu inimigo ensanguentado. Vieram novamente os ferros em brasa. Desta vez o espadachim procurou a vantagem, sabendo que o seu tempo para uma atitude eficaz era curto. Correu para o tridente, lançando golpes com a ponta da espada, forçando o alto Bretão a recuar. Mas o tridente não ia cair no mesmo erro. Deslizou a mão pelo cabo e arremessou-o para as pernas do espadachim, depois correu para o lado, para longe dos ferros. O homem baixo saltou de forma estranha e perdeu o balanço.

Sucedeu-se uma série frenética de estocadas e golpes e depois Cato reparou que o espadachim estava a oscilar, os seus passos tornando-se

cada vez mais incertos à medida que o sangue se esvaía do seu corpo. Mais uma investida do tridente foi desviada, mas à justa. Depois disso a força do espadachim pareceu ceder e ele afundou-se lentamente de joelhos, com a espada a agitar-se na mão.

Macro levantou-se de um salto. — Põe-te de pé! Põe-te de pé antes que ele te trespasse!

Toda a multidão se levantou, sentindo que o fim do combate estava próximo, a maioria incentivando desenfreadamente o espadachim a levantar-se.

O tridente investiu novamente, prendendo a espada entre as pontas do tridente. Uma torcedura rápida e a lâmina saltou do punho do espadachim e aterrou a vários metros dele. Sabendo que estava tudo perdido o espadachim caiu de costas, à espera de um fim ligeiro. O tridente soltou o seu grito de vitória, e moveu o punho para a frente aproximando-se do seu oponente para lhe dar o golpe final. Com uma perna de cada lado do intensamente ensanguentado espadachim, levantou bem alto o seu tridente. De repente o escudo do espadachim ergueu-se num desespero selvagem e embateu na virilha do homem mais alto. Com um gemido profundo o tridente vergou-se. A multidão exultou. Uma segunda pancada do escudo esmagou o rosto do homem e ele caiu sobre a relva, com a arma a desprender-se do seu punho conforme ele apertava o seu nariz e os olhos. Mais duas pancadas na cabeça com o escudo e o tridente estava acabado.

— Uma força maravilhosa! — Macro movia-se para cima e para baixo. — Extraordinariamente maravilhosa!

Cato abanava a cabeça amargamente, e amaldiçoava a arrogância do tridente. Não compensava supor que o nosso inimigo estava derrotado simplesmente porque parecia que sim. Não tinha o tridente pregado essa mesma partida no início do combate?

O espadachim levantou-se, muito mais facilmente do que um

homem criticamente ferido o faria, e recuperou rapidamente a sua espada. O final foi misericordioso, o tridente foi para junto dos deuses com um golpe certo sob as costelas no coração.

Então, tal como Cato, Macro e a multidão observaram, algo muito estranho aconteceu. Antes que o porta-estandarte e o seu assistente pudessem desarmar o espadachim, o Bretão ergueu os braços e lançou um desafio. Num Latim rudemente pronunciado ele exclamou, — Romanos! Romanos! Vejam!

Arrebatou a espada, inverteu o punho e com ambas as mãos o Bretão espetou-a no seu peito. Balançou durante um momento, a cabeça a pender para trás, e depois caiu abruptamente sobre a relva ao lado do corpo do tridente. A multidão silenciou-se.

— Por que raios é que ele fez aquilo? — murmurou Macro.

— Talvez ele soubesse que as suas feridas eram fatais.

— Podia ter sobrevivido, — replicou Macro com ressentimento.
— Nunca se saberá.

— Sobreviria apenas para se tornar um escravo. Talvez ele não quisesse isso, senhor.

— Então era tolo.

O porta-estandarte, preocupado com a incerta disposição da assistência, avançou rapidamente, de braços no ar. — Certo, rapazes, é assim. O combate acabou. Declaro vencedor o espadachim. Paguem as apostas vencedoras, e depois de volta às vossas obrigações.

— Espera! — exclamou uma voz. — Foi um empate! Estão os dois mortos.

— O espadachim venceu, — respondeu o porta-estandarte.

— Ele estava acabado. O tridente tê-lo-ia sangrado até à morte.

— Teria, — concordou o porta-estandarte, — se não tivesse estragado tudo no final. A minha decisão é final. O espadachim ganhou e todos devem pagar as suas dívidas. Ou terão de se haver comigo.

Agora, de volta às vossas obrigações!

A assistência dispersou, caminhando enfileirados por entre os carvalhos em direcção às tendas alinhadas enquanto os assistentes do porta-estandarte colocavam os corpos nas traseiras de uma carroça, junto aos perdedores dos combates anteriores. Enquanto Cato esperava, o seu centurião apressou-se para recolher os seus ganhos junto do porta-estandarte da coorte, cercado por uma pequena multidão de legionários agarrando firmemente as chapas numeradas. Macro regressou passado pouco tempo, pesando alegremente as moedas na sua bolsa.

— Não foi a aposta mais lucrativa que já fiz mas é bom ganhar de todas as formas.

— Suponho que sim, senhor.

— Porquê essa cara aborrecida? Oh, é claro. O teu dinheiro foi com aquele presunçoso do tridente. Quanto perdeste?

Cato disse-lhe, e Macro assobiou.

— Bem, jovem Cato, ainda tens muito que aprender sobre lutadores, assim parece.

— Sim, senhor.

— Não importa, rapaz. Virá com o tempo. — Macro bateu-lhe no ombro. — Vamos ver se alguém tem um vinho decente para vender. Depois disso temos trabalho para fazer.

Ao observar os seus homens a deixar o vale sob a sombra de uma grande carvalho, o comandante da Segunda Legião amaldiçoou secretamente o espadachim. Os homens precisavam muito de algo que lhes afastasse o pensamento da campanha que se aproximava, e o espectáculo dos prisioneiros Britânicos a baterem-se entre si deveria ter sido divertido. De facto, tinha sido divertido, até o final do último combate. Os homens tinham-se sentido animados. Depois aquele Bretão desgraçado escolheu aquele momento para um acto inútil de

desafio. Ou não tão inútil, ponderou o Legado sombriamente. Talvez o sacrifício do Bretão tenha procurado propositadamente arruinar as diversões para levantar a moral.

Com as mãos firmemente apertadas atrás das costas, Vespasiano afastou-se lentamente da sombra para a luz do sol. Sem dúvida que a estes Bretões não lhes falta inteligência. Como a maioria das culturas guerreiras, agarravam-se a um código de honra que permitia que eles abraçassem a guerra com uma arrogância imprudente e uma ferocidade terrível. O mais preocupante era o facto de que esta coligação alargada das tribos Britânicas era dirigida por um homem que sabia bem como usar as suas forças. Vespasiano sentia um respeito ressentido pelo líder dos Bretões, Carátaco, chefe dos Catuvelânios. Aquele homem ainda tinha mais truques na manga, e o exército romano do General Aulo Pláucio deveria tratar o inimigo com mais respeito do que fizera até ali. A morte do espadachim ilustrava demasiado bem a natureza impiedosa desta campanha.

Pondo de lado os pensamentos acerca do futuro por agora, Vespasiano encaminhou-se para a tenda hospital. Havia um assunto desagradável a tratar que não podia adiar por mais tempo. O Centurião Chefe da Segunda Legião tinha sido mortalmente ferido numa emboscada recente, e queria falar com ele antes de morrer. Bestia tinha sido um soldado exemplar, ganhando o apreço, a admiração e o receio dos homens ao longo da sua carreira militar. Lutara em muitas guerras por todo o Império, e tinha as cicatrizes para o provar. E agora sucumbira sob uma espada Britânica numa escaramuça que não figuraria na História. Era assim a vida militar, reflectiu com amargura Vespasiano. Quantos heróis desconhecidos andavam por aí à procura da morte enquanto políticos inúteis e funcionários imperiais usurpam os louros?

Vespasiano pensou no seu irmão, Sabino, que acorrera vindo de

Roma para servir no pessoal
alguma glória a receber. Sabi
via o inimigo apenas em te
O cinismo da alta política



áucio enquanto ainda havia
glória dos seus pares políticos,
um degrau na sua carreira.
ano de uma fúria fria. Era
mais do que provável que o Imperador Cláudio estava a usar a invasão
para fortalecer o seu lugar no trono. Caso as legiões conseguissem
subjugar a Bretanha, haveria despojos e escravos suficientes para olear
as rodas do Império. Alguns homens fariam fortunas, enquanto outros
obteriam cargos elevados, e o dinheiro fluiria para os gananciosos
cofres imperiais. A glória de Roma seria reafirmada e aos seus cidadãos
seriam dadas provas de que os deuses abençoaram o destino de Roma,
muito embora houvessem homens para quem tão grandes realizações
significavam pouco, pois eles só avaliavam os acontecimentos em
termos de oportunidades apresentadas para o seu crescimento pessoal.

Esta ilha selvagem, com as suas agitadas tribos feudais, um dia
poderia obter os benefícios da ordem e da prosperidade conferidos pela
lei romana. Tal extensão de civilização era uma causa digna de luta, e
era com vista neste objectivo que Vespasiano servia Roma, e tolerava
aqueles Romanos acima dele – pelo menos por enquanto. Antes disso,
era preciso ganhar a campanha actual. Dois importantes rios tinham
de ser atravessados, face à resistência feroz dos nativos. Para além dos
rios ficava a capital de Catuvelânio – a mais poderosa tribo Britânica a
enfrentar Roma. Graças à sua expansão desmedida nos últimos anos,
os Catuvelânios absorveram os Trinovânios e a sua próspera cidade
comercial de Camulodónia. Agora muitas das outras tribos viam
Carátaco com quase tanto receio como viam os Romanos. Por isso,
Camulodónia tinha de ceder antes do Outono para demonstrar a essas
tribos rebeldes que era inútil resistir a Roma. Mesmo assim, haveria
mais campanhas, mais anos de conquista, antes que cada parte desta
ilha fosse incorporada no Império. Se as legiões não conseguissem

Camulodónia, então Carátaco certamente ganharia o apoio das tribos insubmissas e reuniria homens suficientes para esmagar o exército romano.

Com um suspiro cansado Vespasiano curvou-se sob a portinhola da tenda hospital e acenou cumprimentando o cirurgião superior da legião.

II

— Bestia morreu.

Cato tirou o olhar da papelada quando o Centurião Macro entrou na tenda. O aguaceiro de Verão a baquear na pele de cabra afundou o anúncio de Macro.

— Senhor?

— Disse que Bestia morreu, — gritou Macro. — Morreu esta tarde.

Cato assentiu. A notícia era esperada. O rosto do velho Centurião-chefe tinha sido aberto até ao osso. Os cirurgiões da legião fizeram tudo o que puderam para tornar os seus últimos dias o mais confortáveis possível, mas a perda de sangue, o maxilar despedaçado e a subsequente infecção haviam tornado a morte inevitável. O primeiro instinto de Cato foi o de alegrar-se com a notícia. Bestia tinha tornado a sua vida numa miséria durante os meses que passara na recruta. De facto, o Centurião-chefe parecia gostar de se meter com ele e um ódio latente cresceu dentro de Cato em resposta.

Macro desapertou o seu casaco molhado e atirou-o para um banco que estava em frente às brasas. O vapor de uma variedade de vestimentas a secar noutros bancos elevava-se num feixe alaranjado, e adicionava-se à húmida atmosfera da tenda. Se a chuva lá fora era o melhor tempo que o Verão Bretão podia oferecer, Macro perguntava-se se valia a pena conquistar aquela ilha. Os exilados Bretões que acompanhavam as legiões diziam que a ilha possuía vastos recursos de metais preciosos e solos ricos para a agricultura. Macro encolheu os ombros. Os exilados podiam estar a dizer a verdade, mas tinham as suas próprias razões para quererem que Roma triunfasse sobre o seu próprio povo. A maioria tinha perdido terras e títulos às mãos dos Catuvelânios e esperavam recuperar ambos como recompensa pela

ajuda a Roma.

— Imaginas quem substituirá Bestia? — Cismou Macro. — Vai ser interessante ver quem é que o Vespasiano vai escolher.

— Alguma hipótese para si, senhor?

— Dificilmente, rapaz. — Desdenhou Macro. O seu jovem optio não era um membro da Segunda Legião e não conhecia os procedimentos de promoção do exército. — Estou fora da corrida para esse cargo. Vespasiano tem que escolher entre os Centuriões sobreviventes da Primeira Coorte. São os melhores oficiais da legião. Tens que ter muitos anos de serviço excelente para seres considerado para uma promoção para a Primeira Coorte. Estarei no comando da Sexta Centúria da Quarta Coorte ainda durante uns tempos, penso. Aposto que há alguns homens muito ansiosos na messe da Primeira Coorte, esta noite. Não é todos os dias que se escolhe um Centurião-chefe.

— Não estarão de luto, senhor? Quero dizer, Bestia era um deles.

— Penso que sim. — Macro encolheu os ombros. — Mas essa é a sorte da guerra. Qualquer um de nós podia ter atravessado o Estige. Aconteceu no turno de Bestia. De qualquer forma, ele teve o seu tempo no mundo. Daqui a dois anos teria sido mandado para uma colónia de veteranos aborrecida. Melhor ele do que outro com alguém à espera, como a maioria dos outros pobres imbecis que duram tanto. E agora, neste mesmo instante, existem algumas vagas para serem preenchidas no centuriato. — Macro sorriu com a perspectiva. Tinha poucas semanas a mais como centurião do que Cato como legionário e fora o centurião mais jovem da legião. Mas os Bretões tinham matado dois Centuriões da Quarta Coorte, o que queria dizer que estava oficialmente em quarto lugar em termos de antiguidade, com perspectiva agradável de ver apontados dois novos Centuriões para comandar. Olhou para cima e arreganhou os dentes para o seu optio.

— Se esta campanha durar mais alguns anos, talvez até tu chegues a Centurião!

Cato sorriu para o cumprimento irônico. As probabilidades eram de que a ilha fosse conquistada bem antes de alguém lhe creditar experiência e maturidade suficientes para o Centuriato. Na tenra idade de dezassete anos essa perspectiva estava muito distante. Suspirou e pegou na placa de cera na qual estivera a trabalhar.

— O relatório da força de efectivos, senhor.

Macro ignorou a placa. Mal conseguindo ler e escrever, era da opinião que era melhor evitar tentar ambos se fosse de todo possível; dependia muito do seu *optio* para assegurar que os registos da Sexta Centúria se mantinham em ordem. — Então?

— Temos seis no hospital de campanha, dois dos quais não deverão sobreviver. O cirurgião superior disse-me que três dos outros terão que ser desvinculados do exército. Serão transferidos para a costa esta tarde. Deverão estar de volta a Roma no fim do ano.

— E depois o quê? — Macro abanou a cabeça com tristeza. — Um retiro gratuito e o resto das vidas passados a mendigarem nas ruas. Grande vida.

Cato assentiu. Quando criança viu os veteranos inválidos a suplicarem por uma ração nas alcovas imundas do fórum. Se perdessem um membro ou sofressem um ferimento incapacitante, era esse o estilo de vida que se proporcionava à grande maioria. A morte talvez tivesse sido mais misericordiosa para tais homens. Uma súbita imagem dele próprio mutilado, condenado à pobreza, e um objecto de pena e escarnecimento fez com que Cato estremecesse. Não tinha família na qual procurar apoio. A única pessoa que gostava dele fora do exército era Lavínia. Estava longe dele agora, no caminho para Roma com outros escravos ao serviço da Senhora Flávia, esposa do comandante da Segunda Legião. Cato não podia contar com isso, se o

pior acontecesse, Lavínia conseguiria amar um aleijado. Ele sabia que não suportaria a pena dela, ou que ela ficasse com ela por obrigação.

Macro sentiu uma mudança na atitude do jovem. Era estranho, considerou, quão ficara ciente dos humores do rapaz. Todos os optios que conhecera não passavam de legionários, mas Cato era diferente. Muito diferente. Inteligente, literato, e um soldado com provas dadas, embora um crítico perverso de si mesmo. Se vivesse tempo suficiente, Cato construiria certamente um nome respeitado algum dia. Macro não percebia porque é que o optio não estava ciente disso, e tendia a olha Cato com um misto de diversão e admiração.

— Não te preocupes, rapaz. Vais sobreviver a esta. Se tivesses que ser engaiolado, já o terias sido. Sobreviveste à pior vida que o exército te pode atirar. Vais andar cá por uns tempos, por isso anima-te.

— Sim, senhor, — respondeu Cato calmamente. As palavras de Macro soavam a um falso conforto, como a morte de grandes soldados, como Bestia, demonstrava.

— Onde é que íamos?

Cato olhou para a placa de cera. — O último homem do hospital está a recuperar bem. A espada cortou a coxa. Estará de pé daqui a mais alguns dias. Há também quatro feridos que não estão no hospital. Regressarão à nossa força de combate em breve. Deixa-nos com cinquenta e oito efectivos, senhor.

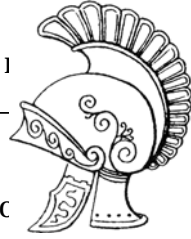
— Cinquenta e oito. — Macro franziu o cenho. A Sexta Centúria tinha sofrido bastante às mãos dos Bretões. Tinham chegado à ilha com oitenta homens. Agora, apenas alguns dias passados, haviam perdido dezoito para sempre.

— Há notícias dos reforços, senhor?

— Não receberemos nenhuns enquanto o pessoal não organizar um embarque da junta de reserva na Gália. Leva-lhes uma semana ou mais antes de conseguirem enviar um barco através do Canal desde

Gesoriaco. Só se juntarão a 1

— Próxima batalha? —
senhor?



próxima batalha.

— se ansioso. — Que batalha,

— Calma, rapaz. — Sc

— O legado informou-nos na

reunião. Vespasiano recebeu ordens do General. Parece que o exército chegou a um rio. Um rio bonito, grande e largo. E do outro lado Carátaco aguarda-nos com os seus homens, carros e tudo.

— Muito longe daqui, senhor?

— A dias de marcha. A Segunda deve chegar ao rio amanhã. Aulo Pláucio não pretende passear, aparentemente. Vai lançar o ataque na manhã seguinte, assim que estejamos em posição.

— Como é que chegamos até eles? — Perguntou Cato. — Quero dizer, como atravessamos o rio? Há alguma ponte?

— Achas mesmo que os Bretões iam deixar uma de pé? — Macro abanou a cabeça aborrecido. — Não, o General ainda tem que resolver isso.

— Acha que nos vai mandar em primeiro lugar?

— Duvido. Fomos muito maltratados pelos Bretões. Os homens ainda estão muito abalados. Deves ter sentido isso.

Cato assentiu. A moral baixa da legião era palpável nos últimos dias. Pior ainda, ele ouvira os homens a criticar abertamente o legado, responsabilizando Vespasiano pelas pesadas baixas sofridas desde que acostaram em solo Bretão. Que Vespasiano tenha combatido o inimigo na fileira da frente, junto aos seus homens não contava muito para a maior parte dos legionários que não testemunharam a sua bravura em pessoa. Da maneira que as coisas estavam, havia um ressentimento considerável e uma falta de confiança nos oficiais superiores da legião, e isso não pressagiava nada de bom para a próxima batalha com os Bretões.

— É melhor vencermos esta, — disse Macro calmamente.

— Sim, senhor.

Ambos permaneceram em silêncio durante uns momentos enquanto olhavam as chamas flamejantes no braseiro. Depois um ronco alto do estômago do Centurião mudou abruptamente o seu pensamento para outros assuntos mais importantes.

— Estou esfomeado. Há alguma coisa para comer?

— Aí na mesa, senhor. — Cato apontou para um pedaço negro de pão e outro de porco salgado numa tigela da messe. Um pequeno jarro de vinho com água estava ao lado de um copo prateado, uma lembrança de uma das primeiras campanhas de Macro. O Centurião franziu o sobrolho enquanto olhava para a carne.

— Ainda não há carne fresca?

— Não, senhor. Carátaco tem feito um trabalho metuculoso em limpar a terra à frente da nossa linha de marcha. Os batedores dizem que quase todas as colheitas e quintas foram queimadas até às margens do Tamesis, e têm levado os seus víveres com eles. Estamos dependentes de tudo o que vier do nosso depósito de aprovisionamento em Rutúpia.

— Estou farto de porco salgado. Não podes arranjar mais nada? Piso ter-nos-ia arranjado melhor do que isto.

— Sim, senhor, — respondeu Cato ressentido. Piso, o tabelião do Centurião, era um veterano que conhecia todas as artimanhas e esquemas do livro, e os homens da Centúria beneficiaram muito com ele. Apenas alguns dias antes, Piso, a menos de um ano da desvinculação com honras, fora cortado de alto abaixo pelo primeiro Bretão que encontrou. Cato aprendera muito com tabelião, mas os segredos mais arcanos da burocracia militar tinham morrido com ele, e Cato dependia agora de si próprio.

— Vou ver o que posso fazer acerca das rações, senhor.

— Boa! — Macro assentiu enquanto dava uma dentada na carne de porco com uma careta e começou o longo processo de mastigação

para dar uma consistência suave o suficiente para engolir. Enquanto mastigava continuou a resmungar. — Muito mais disto e deixo a legião e abraço a fé judaica. Alguma coisa deve ser melhor do que ter que aturar isto. Não sei que raio é que esses bastardos do comissariado fazem aos porcos. Pensava que era quase impossível estragar algo tão simples como um porco salgado.

Cato já ouvira isto antes e pegara de novo na papelada. A maior parte dos mortos tinham deixado testamentos legando as suas propriedades rurais aos seus amigos. Mas alguns dos nomeados como beneficiários tinham morrido também, e Cato tinha que localizar a ordem dos legados através dos documentos para assegurar que as possessões acumuladas chegavam aos destinatários correctos. As familiares daqueles que tinham morrido sem testamento tinham que requerer uma notificação para poderem reclamar os bens do homem do tesouro da legião. Para Cato, a execução de testamentos era uma nova experiência, e uma vez que a responsabilidade era sua, não se atrevia a correr riscos que pudessem conduzir a um processo judicial contra ele. Por isso, lia atentamente a documentação e confirmava e reconfirmava as contas de cada homem à vez, antes de mergulhar o seu estilete num pequeno tinteiro em cerâmica e escrevesse a declaração final de posse e o seu destino.

A dobra da tenda abriu-se e um tabelião do quartel-general entrou apressadamente, o seu capote encharcado do exército gotejava por todos os lados.

— Deixa isso de fora do meu trabalho! — Gritou Cato enquanto cobria os pergaminhos empilhados em cima da secretária.

— Desculpe. — O tabelião do quartel-general recuou até à aba da tenda.

— E que raio queres tu? — Perguntou Macro dando uma dentada num naco de pão acastanhado.

— Mensagem do legado, senhor. Quer vê-lo a si e ao seu optio na tenda dele, tão cedo quanto vos seja possível.

Cato sorriu. O uso dessa expressão num oficial superior significava já, de preferência mais cedo ainda. Ordenando rapidamente os documentos na pilha, e assegurando-se que nenhuma das fugas da tenda afectavam a sua secretária de campanha, Cato levantou-se e pegou no seu capote que estava mesmo em frente ao braseiro. Ainda estava pesado com a humidade e sentiu-o pegajoso quando o colocou aos ombros e o afivelou. Mas o calor nas dobras de lã gordurosa era reconfortante.

Macro, ainda a mastigar, pegou no seu capote e acenou impacientemente para o tabelião do quartel-general. — Podes desandar. Sabemos o caminho, obrigado.

Com um olhar de inveja para o braseiro, o tabelião puxou as abas do seu capote para cima e saiu da tenda. Macro levou um último pedaço de carne à boca, curvou o dedo para Cato e murmurou, — Vamos!

A chuva assobiava nas filas de tendas refulgentes da legião e formavam poças de água incomodativas no solo desigual. Macro olhou para as nuvens negras no céu da noite. Ao longe, para Sul, um lençol de luz anunciava a passagem da tempestade de Verão. A chuva caía-lhe pelo rosto e ele sacudiu a cabeça para tirar um pedaço de cabelo molhado da testa. — Que merda de tempo o desta ilha.

Cato riu-se. — Duvido que melhore, senhor. Se Strabo for de confiar.

A alusão literária causou com que Macro fizesse uma careta ao rapaz. — Não podias apenas concordar comigo, pois não? Tinhas que trazer um académico qualquer para a conversa.

— Perdão, senhor.

— Esquece. Vamos lá ver o que quer Vespasiano.



III

— À vontade, — ordenou Vespasiano.

Macro e Cato, em sentido a um passo da secretária, adoptaram a postura informal requerida. Ficaram um tanto chocados por verem claros sinais de exaustão no seu comandante enquanto se inclinava para os pergaminhos da secretária e as luzes do candeeiro a óleo caíam sobre o seu rosto enrugado.

Vespasiano fitou-os durante uns momentos, inseguro de como proceder.

Há alguns dias atrás, o Centurião, o optio e um pequeno grupo de homens escolhidos por Macro foram enviados numa missão secreta. Foram instruídos a recuperar uma arca com o pagamento de impostos que Júlio César fora forçado a abandonar num pântano perto da costa, há quase cem anos atrás. O tribuno superior da Segunda Legião, um calmo patrício de nome Vitélio, decidira agarrar a arca de impostos para si próprio e, com um bando de cavaleiros arqueiros que havia subornado, caiu sobre os homens de Macro no meio da névoa do pântano. Graças à perícia guerreira do Centurião, Vitélio falhara e fugira de cena. Mas o destino parecia favorecer o tribuno; encontrou uma coluna de Bretões que tentavam flanquear a linha avançada Romana e conseguira avisar as legiões do perigo mesmo a tempo. Como resultado da vitória subsequente, Vitélio tornou-se numa espécie de herói. Aqueles que sabiam a verdade sobre a traição de Vitélio sentiram-se desgostosos pelos louvores demonstrados ao tribuno superior.

— Temo que não possa apresentar queixa contra o Tribuno Vitélio. Tenho apenas as vossas palavras para andar com o processo e isso não é suficiente.

Macro eriçou-se com uma raiva mal contida.

— Centurião, eu sei que tipo de homem ele é. Disse que tentou

matá-lo e aos seus homens quando o mandei atrás da arca de impostos. Essa missão era secreta, altamente secreta. Suspeito que só você, eu e o rapaz sabíamos do conteúdo da arca. E Vitélio claro. Mesmo agora ainda está selada e no caminho de regresso a Roma sob uma apertada segurança, e quantos menos souberem do ouro que nela contém melhor. É dessa forma que o Imperador quer manter as coisas. Ninguém nos agradecerá por expormos este caso em tribunal se apresentarmos queixa contra Vitélio. Mais, pode não estar ciente de que o pai dele é um amigo íntimo do Imperador. Preciso de dizer mais alguma coisa?

Macro cerrou os lábios e abanou a cabeça.

Vespasiano deixou as suas palavras afundarem, conhecendo bem a expressão de resignação a tomar conta do rosto do Centurião e do optio. Era mau de mais que Vitélio emergisse da situação cheirando a rosas, mas isso era típico da sorte do tribuno. Esse homem estava destinado a um alto cargo, e o destino não deixaria que nada se interpusesse no caminho. E havia muito mais por detrás da sua traição do que Vespasiano podia deixar que estes dois homens soubessem. Além dos seus deveres como tribuno, Vitélio era também um espião imperial ao serviço de Narciso, o Secretário do Imperador. Se Narciso alguma vez viesse a saber que fora enganado por Vitélio, a vida do tribuno estaria em risco. Mas Narciso nunca descobriria pela boca de Vespasiano. Vitélio tinha-se encarregado disso. Enquanto recolhia informações sobre a lealdade dos oficiais e dos homens da Segunda Legião, Vitélio descobriu a identidade de um conspirador envolvido numa trama para derrubar o novo Imperador.

Flávia Domitil, a esposa de Vespasiano.

Portanto, neste momento, existia uma reserva entre Vitélio e Vespasiano; ambos possuíam informações que podiam ferir mortalmente o outro se alguma vez chegassem aos ouvidos de Narciso.

Ciente de que devia estar a olhar no vazio para os seus subordinados há algum tempo, Vespasiano mudou rapidamente o seu pensamento para a outra razão pela qual tinha convocado Macro e Cato.

— Centurião, tenho algo que deverá alegrá-lo. — Vespasiano pegou num volume embrulhado com seda na extremidade da secretária. Depois de desembulhá-lo cuidadosamente, Vespasiano revelou um colar de ouro para o qual ficou a contemplar momentaneamente antes de o colocar à altura da luz difusa do candeeiro a óleo. — Reconhece-o, Centurião?

Macro fitou o objecto durante uns instantes e abanou a cabeça. — Desculpe, senhor.

— Não estou surpreendido. Provavelmente, tinha outras coisas na cabeça quando o viu pela primeira vez, — disse Vespasiano com um sorriso irónico. — É o colar de um chefe Bretão. Era propriedade de um Togodumno, que felizmente já não está connosco.

Macro riu-se, lembrando-se subitamente do pescoço onde pendia o colar, um guerreiro enorme que ele tinha matado num combate único alguns dias antes.

— Tome! — Vespasiano atirou o colar para Macro, apanhado de surpresa, sentindo-se estranho. — Uma pequena lembrança de gratidão da legião. Vem directamente do meu quinhão dos despojos. Você merece, Centurião. Ganhou-o, por isso use-o com dignidade.

— Sim, senhor. — Respondeu Macro examinando o colar. Um entrançado de ouro cintilando na luz oscilante, e cada ponta torcida para trás em volta de um grande rubi que brilhava como uma estrela banhada a sangue. Torvelinhos estranhos foram trabalhados no ouro que circundava os rubis. Macro tomou o peso do colar e calculou por alto o seu valor. Os seus olhos alargaram-se quando percebeu a amplitude do significado do gesto do legado.

— Senhor, não sei como agradecer-lhe por isto.

Vespasiano ergueu a mão. — Então não agradeça. Como disse, merece-o. Quanto a ti, optio, não tenho nada para te oferecer, excepto o meu obrigado.

Cato corou, os seus lábios encolheram numa expressão severa. O legado não conseguiu conter o riso.

— É verdade que não tenho nada de valor para te oferecer. Mas alguém tem, ou melhor, tinha.

— Senhor?

— És sabedor que o Centurião-chefe Bestia sucumbiu aos seus ferimentos?

— Sim, senhor.

— Ontem à noite, antes de ele perder a consciência proferiu um testamento verbal com a presença de uma testemunha. Pediu que eu executasse essa vontade.

— Um testamento verbal? — Cato franziu o sobrolho.

— Desde que hajam testemunhas, qualquer soldado pode determinar verbalmente como quer que as suas propriedades sejam dispostas caso venha a morrer. É mais um costume do que um regulamento escrito na lei. Parece que Bestia queria que ficasses com certas coisas da sua pertença.

— Eu! — Exclamou Cato. — Ele queria que eu ficasse com algo, senhor?

— Aparentemente.

— Mas porquê? Ele não me podia ver.

— Bestia disse que te viu combater como um veterano, sem armadura, só com elmo e escudo. Foste a eles exactamente como ele te ensinou. Disse-me que se enganara a teu respeito. Julgava-te um idiota e um cobarde. Viu que não, e quer que saibas que se orgulha daquilo em que te tornaste.

IV

Fora, Cato assobiou de estupefacção com a perspectiva da doação de Bestia. Mas o centurião prestava pouca atenção ao seu optio; apalpava o colar, apreciando o seu peso considerável. Caminharam para a tenda hospital em silêncio até Macro olhar para a figura alta do optio.

— Muito bem. Que será que Bestia te deixou?

Cato tossiu, limpando a garganta apertada. — Não faço ideia, senhor.

— Nunca tinha presenciado nenhuma insinuação de que o velho fosse capaz de um gesto desses. Nunca ouvi dizer que ele tivesse feito algo do género desde que estou ao serviço da águia. Parece que afinal causaste boa impressão.

— Parece que sim, senhor. Mas mal consigo acreditar.

Macro pensou acerca disso por uns momentos e depois abanou a cabeça. — Nem eu. Sem ofensa nem nada mas, bem, tu não eras o género de soldado que ele idealizava. Tenho que admitir, demorei algum tempo a perceber que eras mais do que um tarado dos livros. Não tens em ti a aparência de um soldado.

— Pois não, senhor. — Veio a resposta súbita. — Vou tentar melhorar esse aspecto a partir de agora.

— Não te preocupes com isso, rapaz. Sei que és um assassino, mesmo que não te apercebas disso. Já te vi em acção, lembras-te?

Cato retraiu-se quando ouviu a palavra “assassino”. Era a última coisa pela qual queria ser reconhecido. Um soldado, sim, essa palavra tinha uma certa medida de credibilidade civilizada. Obviamente que ser um soldado implicava a possibilidade de matar mas isso, pensou Cato, era inerente à essência da profissão. Os assassinos, por outro lado, eram apenas uns brutos com poucos, ou nenhuns, valores. Esses

bárbaros que viviam nas sombras das grandes florestas germânicas eram assassinos. Esquartejavam só pelo gozo do acto, como os seus infinitos conflitos tribais ilustravam tão bem. Roma havia tido guerras civis no passado, lembrou-se Cato, mas sob a ordem imposta pelos imperadores a ameaça de conflito interno pertencia ao passado. O exército Romano combatia com propósitos morais: a expansão dos valores civilizacionais aos selvagens ignorantes que viviam nas margens do império.

E estes Bretões? Que tipo de homens eram? Assassinos ou soldados? O espadachim que morrera nos jogos do legado assombrava-lhe a mente. O homem fora um verdadeiro guerreiro e atacara com a ferocidade de um assassino nato. A sua autodestruição não passara de puro fanatismo, uma característica de certos homens que perturbavam Cato profundamente, enchendo-o com uma sensação de terror moral, e a convicção de que somente Roma oferecia o melhor caminho. Apesar dos seus políticos corruptos e cínicos, Roma continuava pela ordem e pelo progresso; um farol para todas as massas confusas escondidas nas sombras das terras bárbaras negras.

— Ainda lamentas a tua aposta? Macro tirou-o das suas meditações.

— Não, senhor. Estava apenas a pensar no Bretão.

— Ah, esquece-o. É um acto estúpido e não há mais nada a dizer. Talvez tivesse mais respeito por ele se tivesse usado a espada em nós e tentado escapar. Mas matar-se a si próprio? Que desperdício.

— Se assim o diz, senhor.

Tinham chegado à tenda hospital e espantaram os insectos que se amontoavam nos candeeiros a óleo na entrada da tenda, antes de se inclinarem para entrar. Um oficial de dia estava ao lado por trás de uma secretária. Conduziu-os para as traseiras da tenda onde os oficiais estavam aquartelados. A cada centurião tinha sido atribuído

uma pequena área seccionada com uma cama de campanha, uma mesa e um penico. O oficial de dia abriu uma cortina e acenou-lhes para que entrassem. Macro e Cato apertaram-se de cada lado da cama estreita onde uma mortalha de linho cobria o corpo do Centurião-chefe.

Permaneceram uns momentos em silêncio, antes que o oficial de dia falasse a Cato. — Os artigos que ele queria com que ficasse estão debaixo da cama. Vou deixá-los por uns instantes.

— Obrigado, — respondeu Cato calmamente.

A cortina caiu e o oficial de dia voltou à secretária. Estava silêncio, apenas um gemido desmaiado provinha algures da tenda, e os sons ainda mais distantes do campo.

— Como é, vais ver ou vou eu? — Perguntou Macro numa voz sussurrante.

— Perdão?

Macro apontou para o Centurião-chefe com o polegar. — Um último olhar no rosto do velho antes dele se esfumar. Devo-lhe isso.

Cato engoliu nervosamente. — Força.

Macro chegou-se a baixo e descobriu suavemente a mortalha de linho, descobrindo Bestia até ao peito nu com o pelo acinzentado eriçado. Nenhum deles tinha alguma vez visto Bestia sem uniforme e a massa de pelo encaracolado foi uma surpresa. Alguma alma caridosa já tinha colocado nos olhos do Centurião-chefe as moedas para pagar a Caronte a passagem do rio Estige para o submundo. O ferimento que o tinha matado fora limpo, mas mesmo assim os dentes, ossos e os músculos nervosos mutilados eram visíveis onde a carne tinha sido cortada de um dos lados do rosto de Bestia. Não era uma visão agradável.

Macro assobiou. — É um espanto que ele tenho conseguido dizer alguma coisa ao legado neste estado.

Cato assentiu.

— Ainda assim o velho conseguiu chegar ao topo, que é muito mais do que nós alguma vez conseguiremos. Vamos ver o que ele te deixou. Queres que eu veja?

— Se quiser, senhor.

— Muito bem. — Macro ajoelhou-se e vasculhou debaixo da cama. — Ah! Aqui vamos nós.

Levantando-se, ergueu uma espada dentro da bainha e uma pequena ânfora. A espada deu-a a Cato. Depois tirou a rolha da ânfora e cheirou cuidadosamente. Um sorriso tomou conta do seu rosto.

— Cécubo! — Cantou Macro. — Meu rapaz, o que quer que tenhas feito para impressionar Bestia, teve que ser algo miraculoso. Importas-te se eu...?

— Esteja à vontade, senhor, — respondeu Cato. Examinou a espada. A bainha era negra e marchetada com um notável padrão geométrico em prata. Aqui e ali, a bainha estava amolgada e marcada do uso. Uma arma de soldado, não um objecto ornamental reservado a cerimónias.

O Centurião Macro lambeu os lábios, ergueu a ânfora e brindou. — Ao Centurião-chefe Lúcio Batiaco Bestia, um cabrão lixado, mas justo. Um bom soldado que honrou os seus camaradas, a sua legião, a sua família, a sua tribo e Roma. — Macro bebeu um grande gole do Cécubo, a sua maçã-de-adão a trabalhar com avidez, antes de pousar a ânfora. — Absoluta maravilha. Prova.

Cato pegou na ânfora ergueu-a sobre o corpo morto do Centurião-chefe, sentindo-se consciente do seu gesto. — A Bestia.

Macro estava certo. O vinho era muito saboroso, um paladar frutificado com um toque a almíscar, e um gosto seco no final. Delicioso. E embriagante.

— Deixa-me ver a tua espada.

— Sim, senhor. — Cato passou-lhe a espada. Depois de um olhar

precipitado para a bainha, Macro agarrou o cabo em marfim com o seu ornamentado botão de punho em ouro, e sacou a lâmina. Estava bem temperada e polida, a brilhava como um espelho. Macro ergueu as sobrelanceiras apreciando de verdade enquanto passou suavemente pela extremidade cortante. Tinha sido afiada até uma agudeza extrema pelo que era essencialmente uma espada de rasgar. Sopesou-a e gabou o equilíbrio entre o cabo e a lâmina. Era uma espada que um homem controlava com facilidade, nunca pressionado o pulso como as espadas normais costumavam fazer. Não fora feita por Romanos. A lâmina era certamente um produto das grandes forjas gaulesas que fabricavam as melhores espadas há gerações. Como é que chegou às mãos de Bestia?

Depois reparou numa inscrição, uma pequena frase junto ao resguardo, escrito num alfabeto que reconheceu como grego.

— O que diz aqui?

Cato pegou na espada e traduziu mentalmente: “De Germânico para L. Batiaco, o seu Patrôculo.” Um arrepio de espanto desceu pela espinha de Cato. Olhou novamente para o desfigurado rosto do Centurião-chefe. Teria este homem sido um jovem atraente? Atraente o suficiente para merecer a afeição do grande General Germânico? Era difícil de acreditar. Cato conhecera Bestia apenas como um disciplinador rígido e cruel. Mas quem sabe que segredos um homem guarda quando morre? Alguns leva com ele para o submundo, outros são revelados.

— Então? — disse Macro impacientemente. — O que diz?

Conhecendo a intolerância do seu centurião, Cato raciocinou rapidamente. — É um presente de Germânico pelos serviços dele.

— Germânico? O Germânico?

— Suponho que sim, senhor. Não tem mais pormenores.

— Não fazia ideia que o velho tinha tão altos conhecimentos.

Isso merece outro brinde.

Cato passou-lhe a ânfora e
retraiu-se quando Macro be-
estava muito mais leve quan-
resto para a barriga do centu-
e bebeu tanto quanto pode.



ente e
ate do bom vinho. A ânfora
le volta. Em vez de perder o
ndou a Bestia mais uma vez

Macro arrotou. — B... Bem, Bestia deve ter feito uma grande proeza para receber essa beleza. Uma espada de Germânico! Isso é qualquer coisa, mesmo qualquer coisa.

— Sim, senhor, — concordou Cato calmamente. — Deve ter sido uma grande proeza.

— Cuida bem dessa lâmina, rapaz. Não tem preço.

— Cuidarei, senhor. — Cato começava a sentir os efeitos do vinho na tenda quente e confinada e começou a ansiar por ar puro. — Penso que deveríamos deixá-lo, senhor. Que descanse em paz.

— Ele está morto, Cato. Não está a dormir.

— Era uma força de expressão. De qualquer maneira, tenho que sair daqui, senhor. Preciso de ir lá para fora.

— Eu também. — Macro cobriu de novo Bestia com a mortalha de linho e seguiu o optio para a saída. A chuva tinha parado e, à medida que as nuvens limpavam o firmamento, as estrelas cintilavam foscas na húmida atmosfera. Cato encheu os pulmões de ar. Estava a sentir o vinho mais do que nunca e perguntava-se se iria sofrer a indignidade de adoecer.

— Vamos voltar à nossa tenda e acabar com a ânfora. — Disse Macro alegremente. — Devemos isso ao velho.

— Devemos? — Respondeu Cato bruscamente.

— Claro que sim. Uma velha tradição do exército. É assim que velamos pelos mortos.

— Uma tradição?

— Bem, agora é. — Macro riu embriagado. — Anda, vamos.

Segurando firmemente a sua espada embainhada, Cato largou o

controlo da ânfora e os dois dirigiram-se por passos incertos para as linhas arrumadas de tendas da centúria deles.

Ao amanhecer do dia seguinte, quando a pira de Bestia foi acendida, o centurião e o optio da Sexta Centúria, da Quarta Coorte, miravam-na com olhos enevoados. Toda a Segunda Legião estava formada para testemunhar o evento e defronte para a pira em três lados, enquanto o legado, o prefeito do acampamento, tribunos e outros oficiais superiores permaneciam em sentido no quarto lado. Vespasiano escolhera bem a sua posição, a favor do vento e dos ares de luz que navegavam pela paisagem Bretã. Do lado oposto, os primeiros arremessos de fumo espesso e oleoso, carregado com o odor a gordura queimada, vogavam pelos legionários em sentido. Um coro de tosse irrompeu em redor de Macro e do seu optio e, uns instantes depois, o delicado estômago de Cato contraiu-se como um punho, dobrou-se e vomitou o conteúdo que incomodava as suas tripas para a erva aos seus pés.

Macro suspirou. Mesmo para lá das sombras da morte, Bestia tinha a capacidade de fazer sofrer este homem.

— O problema, meus senhores, é aquele pequeno outeiro além.
— O general apontou para lá do rio com o seu bastão, e os olhos dos seus oficiais superiores seguiram-no. Adicionalmente aos comandantes das quatro legiões, entre o amontoado de mantos escarlates estavam também os oficiais assistentes de Pláucio. Vespasiano tinha alguma dificuldade em não se recrear pela quantidade ofuscante de dourados que adornavam a lustrosa couraça do seu irmão Sabino, que gozava da categoria oficial de prefeito de cavalaria. Quase tão garridos como a quantidade de outro que enchiam os Bretões exilados que acompanhavam Pláucio. Admínio fora forçado a fugir do seu reino pelo seu irmão, Carátaco, e juntara-se ao exército Romano como guia e negociador. Se Roma triunfasse, o seu título e terras ser-lhe-iam restituídos, embora ele fosse governar como rei vassalo de Roma, como todas as obrigações que isso acarretava: uma pobre recompensa pela traição ao seu povo. Vespasiano mudou o seu olhar de escárnio do Bretão para o rio.

A margem do outro lado era escarpada, mas com um cume baixo, que depois corria ao longo do rio. O cume fora grosseiramente fortificado e, neste preciso momento, as figuras pequenas dos Bretões atarefavam-se furiosamente para aperfeiçoar os seus esforços iniciais. Já tinha sido escavado um fosso substancial à volta do ponto de passagem, com os despojos adicionados no outro lado do talude. Uma paliçada grosseira estava a ser levantada no topo da rampa, com um refúgio em cada extremidade, para além do qual o solo se tornava pantanoso.

— Devem ter reparado que esta parte do rio é impetuosa, — continuou Pláucio. — E se olharem atentamente para a margem do outro lado poderão ver que Carátaco submergiu obstáculos no leito do rio. A maré está a encher ou a vaziar, Tribuno Vitélio?

O último oficial assistente do general foi apanhado distraído e Vespasiano não pode conter um riso de satisfação, quando a expressão habitual de presunção de Vitélio foi substituída pela de dúvida e depois embaraço. O tribuno fora transferido da Segunda Legião como prémio pelos seus feitos recentes. Esta experiência como assistente do general era uma oportunidade para ganhar nome e facilitar o caminho para uma qualquer carreira militar. Por um momento parecia que o tribuno ia tentar intrujar, mas depois a honestidade venceu, embora se mantivesse fiel ao seu carácter, Vitélio não resistiu a uma tentativa para limitar os danos através da evasão.

— Vou ver, senhor.

— Esse “Vou ver, senhor” significa “Não sei, senhor”? — Perguntou Pláucio secamente.

— Sim, senhor.

— Então certifique-se imediatamente, — ordenou Pláucio. — E a partir de agora lembre-se que é seu dever saber estas coisas. Não haverão desculpas no futuro. Entendido?

— Sim, senhor. — Vitélio estalou os dentes quando fez a continência e saiu de cena.

— Não conseguimos ter assistentes decentes hoje em dia, — murmurou Pláucio.

Os outros oficiais trocaram olhares sabedores. Era injusto esperar que um oficial assistente estivesse a par da maré de um rio que acabara de conhecer. Mas a não ser que esses oficiais fossem capazes de prever qualquer factor influenciável para a execução da campanha, eram uns inúteis. Um posto de assistente podia ser almejado, mas tinham toda a espécie de obstáculos para transpor.

Esforzando os olhos, Vespasiano conseguia topar uma série de pontas negras ominosas a sobressair da superfície da água. Estacas de madeira afiadas, cravadas no leito do rio, e muito capazes de empalarem

um soldado de infantaria ou forçados a negociar a travessia e ao talude.



o cavalo. Os atacantes seriam simplesmente sob rajadas de funda e do rio de encontro ao fosso

— Podíamos cobrir o assalto com artilharia, senhor. — Sugeriu Vespasiano. — Os dardos forçá-los-iam a manter as cabeças baixas, enquanto as catapultas derrubariam a paliçada.

Pláucio abanou a cabeça. — Pensei nisso. O prefeito dos engenheiros diz que a distância é demasiado grande. Teríamos que usar o míssil de menor calibre, não seria suficiente para causar os danos requeridos. Penso que temos que descartar a possibilidade de um ataque directo, apenas em si mesmo. Quando a infantaria pesada tivesse atravessado o rio e formado teríamos perdido muitos homens. Além disso, a frente é demasiado estreita para a força por si própria ganhar o dia. Os nossos homens estariam expostos ao fogo por três lados assim que se aproximassem do fosso. Não, temo que tenhamos que ser um pouco mais sofisticados.

— Temos que atravessar aqui, senhor? — perguntou Sabino. — Não podemos simplesmente marchar rio acima até encontrarmos um local de mais fácil travessia?

— Não, — respondeu o general pacientemente. — Se marcharmos pelo rio acima, Carátaco pode seguir de perto todo o nosso caminho e opor-se a cada tentativa de travessia da nossa parte. Poderiam passar dias, mesmo semanas, até conseguirmos atravessar. Depois ele simplesmente recuaria até ao Tamesis e teríamos que repetir tudo de novo. E o tempo está do lado dele, não do nosso. Todos os dias se juntarão mais homens ao exército dele. Por cada dia que lhe damos tornamos as nossas hipóteses de tomar Camuloduno antes do Outono menos provável. E a não ser que Camuloduno caia, não conseguiremos segurar a aliança com as tribos neutrais. Temos que combater Carátaco

aqui e agora.

— Sim, senhor, — murmurou Sabino, esforçando-se por esconder o seu embaraço por ser ensinado como se não passasse de um tribuno verde.

Pláucio virou-se para falar aos seus oficiais reunidos. — Portanto, senhores, estou aberto a sugestões.

O legado da Nona Legião olhava absorto para o rio. Hosídio Geta era um patrício que optara por continuar ao serviço do exército em vez de almejar uma carreira política, e tinha uma experiência considerável em operações conduzidas na água com a sua legião no Danúbio. Virou-se para o seu general.

— Senhor, permite-me?

— Esteja à vontade, Geta.

— Isto pede um movimento de flancos, dois movimentos de flancos, de facto. — Geta virou-se para o rio. — Enquanto o exército principal fica aqui, podíamos enviar uma força a jusante do rio, sob a cobertura de navios de guerra, contanto que as águas tenham profundidade suficiente nesse local.

— Podíamos usar os auxiliares Batavianos para isso, senhor. — Sugeriu Vespasiano, e levou com o olhar irritado de Geta.

— Ia sugerir isso, — respondeu Geta friamente. — Eles estão treinados para este tipo de operação. Podem nadar através dos rios completamente armados. Se conseguirmos fazer com que eles atravessem sem grande oposição, podemos lançar um ataque flanqueado ali.

— Mencionou um segundo ataque pelos flancos, — disse Pláucio.

— Mencionei, senhor. Enquanto os Batavianos atravessam, uma segunda força pode subir o rio até encontrarem um vau e depois atacar o outro flanco do inimigo.

Pláucio assentiu. — E se acertarmos os tempos, podemos assaltá-los em três direcções num ataque desconcertante. Deverá acabar

rapidamente.

— Creio que sim, senhor, — respondeu Geta. A segunda força não necessita de muitos homens, o seu papel é ser a surpresa final com a qual Carátaco não conseguirá lidar. Apanhá-lo em desequilíbrio e ganharemos o dia. Ele nunca conseguirá responder aos três ataques. Sabe como estes nativos irregulares são. Claro que se alguma das nossas forças flanqueadoras for isolada, as perdas serão grandes.

Vespasiano sentiu um arrepio na nuca quando reconheceu a oportunidade pela qual esperava. A oportunidade de se redimir e à sua legião. Se a Segunda pudesse ter o papel decisivo na batalha, restauraria os espíritos da unidade de uma forma nunca vista. Embora a recente emboscada de Togodumno à Segunda Legião tivesse falhado, a unidade tinha sofrido graves perdas humanas e a moral estava baixa. Um ataque bem sucedido, sem compaixão, talvez pudesse salvar a reputação da Segunda Legião e do seu comandante. Mas estariam os homens pronto para isso?

Pláucio assentia enquanto analisava a proposta de Geta. — Há riscos num ataque dividido, como bem disse, mas vai ser arriscado de qualquer maneira. Muito bem, executaremos esse plano. Tudo o que resta é a colocação de tropas. O lado direito do ataque vai precisar, claramente, dos Batavianos, — disse ele, com um assentimento fosco para Vespasiano. — O ataque frontal será levado a cabo pela Nona.

Era agora, constatou Vespasiano. Era o tempo de reclamar o privilégio da Segunda. Deu um passo em frente e limpou a garganta.

— Sim, Vespasiano? — Pláucio fitou-o. — Tem algo a acrescentar?

— Senhor, solicito o privilégio de comandar o ataque do flanco esquerdo.

Pláucio cruzou os braços e endireitou a cabeça enquanto considerava o pedido de Vespasiano. — Acha mesmo que a Segunda consegue dar conta do recado? Estão diminuídos, e imagino que os

seus homens não fiquem muito contentes por se verem num denso campo de batalha a tão pouco tempo da sua recente experiência.

Vespasiano corou. — Permita-me discordar, senhor. Acredito falar em nome dos meus homens como no meu.

— Francamente, Vespasiano, não tinha sequer a intenção de convocar a Segunda para este trabalho. Ia mantê-los de reserva, e deixar uma unidade fresca fazer o trabalho. E não vejo quaisquer razões para mudar de opinião. Você vê?

A menos que Vespasiano encontrasse razões para justificar a sua posição no flanco esquerdo, estaria condenado a viver o resto do seu comando como legado sob a suspeita da sua competência para o cargo. E se os homens sentissem que lhes estavam a negar o seu lugar na campanha e, conseqüentemente, a sua parte dos despojos, a moral e reputação da Segunda nunca recuperariam. A sua reputação tinha sido adquirida ao longo dos anos com o sangue de milhares de camaradas, sob uma águia que os conduzia para uma batalha durante décadas. Se isso ia acabar, só se fosse por cima do seu cadáver. Vespasiano precisava ser firme com o seu general.

— Sim, vejo, senhor. O senhor parece ter sido mal informado acerca do espírito combativo da minha legião. — E Vespasiano suspeitava que Vitélio era a fonte dessa má informação. — Os homens estão preparados, senhor. Estão mais do que preparados, estão sequiosos por isso. Queremos vingar os homens que perdemos.

— Chega. — Interrompeu Pláucio. — Pensa que a retórica vence a razão? Esta é a linha da frente, não o fórum de Roma. Pedi-lhe que me desse uma boa razão para eu ceder.

— Muito bem, senhor. Serei directo.

— Seja.

— A Segunda está diminuída. Mas não necessita de uma legião inteira para o ataque. Se cair durante o ataque, apenas terá perdido

uma unidade que já estava bastante mal em relação a uma legião fresca. — Vespasiano olhou para o seu general com astúcia. — Atrevo-me a dizer que pretende ter o maior número de legiões frescas à mão quanto possível, para o caso de ter que combater Carátaco novamente. Não poderá dar-se ao luxo de o combater com forças diminuídas e cansadas. É melhor arriscar uma unidade dispensável neste momento.

Pláucio abanava a cabeça enquanto ouvia aprovadamente a este motivo completamente cínico. Reflectia verdadeiramente as duras realidades do comando e, na mesma dura forma, fazia sentido.

— Muito bem, Vespasiano. Convenceste-me.

Vespasiano inclinou a cabeça num agradecimento. O seu coração saltava de excitação por ter vencido a prova do seu comandante e em ansiedade pela operação perigosa para a qual tinha voluntariado os seus homens. Tinha sido muito pouco honesto no seu pedido ao general. Não duvidada que muitos dos homens o amaldiçoariam por aquilo, mas os soldados queixavam-se por tudo. Necessitavam combater. Necessitavam de uma vitória folgada para se poderem vangloriar. Deixar os homens no presente estado dúvida sobre eles mesmos arruinaria a legião, e arrasaria a sua carreira. Agora que os tinha comprometido ao combate sentia-se confiante de que a maioria partilharia o seu desejo de lutar.

— As suas ordens, — declarou Pláucio formalmente, — são as de subir o rio ao amanhecer. Localizar o vau mais próximo e atravessar para o outro lado. A partir daí marchará pelo rio abaixo, evitando quaisquer contactos com Bretões. Aguardarão escondidos até as trompetas do quartel-general soarem o sinal de reconhecimento da vossa legião, a partir do qual se juntarão ao assalto àquela colina. Entendido?

— Sim, senhor. Perfeitamente.

— Dê-lhes duro, Vespasiano. O mais duro que conseguir.

— Sim, senhor.

— As ordens por escr
hoje. É melhor ir andando
Agora vá.



enviadas ao final do dia de
m marcha ao raiar do dia.

Vespasiano saudou o g com a cabeça em despedida
a Sabino, e iniciava o seu caminho pelo tropel de oficiais atrás da
linha de cavalaria, quando Vitélio subia a correr a escarpa, ofegando
pesadamente.

— Senhor! Senhor!

Pláucio virou-se para ele alarmado. — Que é, Tribuno?

Vitélio deteve-se, inspirou e fez o seu relatório. — A maré está a
encher, senhor. Soube-o pelos nossos batedores ali ao fundo, perto do
rio.

O General Aulio Pláucio fitou durante uns momentos. —
Obrigado, Tribuno. Foi muito interessante. Mesmo muito interessante.

Depois virou-se de costas para ver novamente as forças do
inimigo e para esconder da vista a sua expressão divertida.

VI

As sombras propagavam-se enquanto Cato se apoiava imóvel contra o tronco de uma árvore, o seu manto castanho almofadava a casca agreste. Na mão esquerda segurava o arco de caça que tinha ido buscar ao armazém, uma flecha farpada pesada fixada na corda. Tinha descoberto um trilho sinuoso que cruzava com um trilho acidentado e seguira-o até esta clareira. O trilho serpenteava através dos fetos baixos até às árvores na extremidade da clareira. Do outro lado, o rio resplandecia através das folhas e dos ramos, cintilando com o reflexo do sol que se afundava. Como rapaz da cidade que era teve o bom senso de pedir conselhos a Pirax, um veterano há muito habituado a tratar de provisões, antes de partir para o bosque. A área fora desimpedida de inimigos e era circundada pelos campos marchantes do exército de Pláucio, para que o jovem optio sentisse que era seguro o suficiente tentar a sua ventura na caçada. Com sorte, os homens da sexta Centúria não jantariam porco salgado nesta noite, e iriam para a batalha com uma boa refeição nas suas barrigas.

Quando notícias do ataque iminente foram anunciadas à sexta Centúria, Macro amaldiçoou a sua sorte. Uma perigosa manobra de flanco era a última coisa de que precisavam quando os seus efectivos estavam tão esgotados. De regresso à tenda, ele e Cato trataram dos preparativos para o ataque da manhã seguinte.

— Anota aí, — instruiu Macro ao seu optio. — Todos os homens devem deixar os seus acessórios não essenciais aqui. Se tivermos que nadar não vamos querer levar mais do que necessitamos. E vamos precisar de corda. Vai buscar trezentos pés de cabo leve ao armazém. Deve ser suficiente para atravessar o rio se encontrarmos um vau.

Cato tirou os olhos da sua placa de cera. — E se não houver um vau? Que fará o legado?

— Essa é a melhor parte, — resmungou Macro. — Se não encontrarmos um vau até ao meio-dia, temos ordens para atravessar a nado. Vamos ter que nos despir até ficarmos em túnica e flutuar o equipamento através de empolas insufladas. Toma nota para requisitar um empolas para cada homem.

Fez uma pausa quando Cato não respondeu.

— Desculpa, rapaz. Esqueci-me da tua aversão à água. Se tivermos que nadar, deixa-te estar perto de mim e eu certificar-me-ei de que farás a travessia em segurança.

— Obrigado, senhor.

— Assim que tenhas oportunidade vê se aprendes a nadar como deve ser.

Cato assentiu de cabeça baixa envergonhado.

— Onde é que íamos?

— Empolas, senhor.

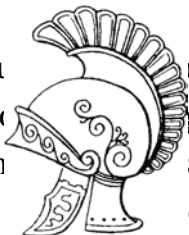
— Ah, sim. Esperemos que não façam falta. Se não encontrarmos um vau não me agrada defrontar os Bretões só com uma túnica de lã entre eles e os meus órgãos vitais.

Cato concordou com todo o coração.

O sol estava a baixar no horizonte a ocidente e Cato olhou novamente para o rio, que parecia mais largo do que nunca. Retraiu-se ao pensar que podia ter mesmo que nadar nele; as suas técnicas de nada mal dignificavam as palavras.

O sol brilhava directamente pelas árvores, lançando um emaranhado de sombras com orlas de tez laranja sobre a clareira. Um súbito movimento prendeu atenção de Cato. Mantendo o seu corpo quieto, virou a cabeça para seguir o movimento. Uma lebre tinha saltado cuidadosamente para o trilho de um caminho de urtigas que picavam a menos de vinte passos do lugar onde ele estava. Ergueu-se nas suas patas traseiras, a cheirar o ar cautelosamente. Com o seu

corpo superior e a cabeça at
pareceu-lhe um alvo tenta
caça. Uma lebre não ia alim
mas bastaria até algo maior



trilho do sol distante, a lebre
ergueu lentamente o arco de
homens da Sexta Centúria,
o.

Cato firmou o arco e estava prestes a libertar a corda quando reparou noutra presença na clareira. A lebre deu a volta e fugiu precipitadamente para o mato.

Um veado deambulava fora das sombras, dirigindo-se para o local onde o trilho penetrava nas árvores no outro lado da clareira. Um alvo muito maior, mesmo a vinte passos, e sem hesitar, Cato ajustou a pontaria, permitindo uma tendência para disparar em frente para a direita. A corda zumbiu, o veado estacou, e um traço de escuridão correu pelo ar e aterrou na parte detrás do pescoço do veado com um baque.

O animal tombou, sovando o seu pescoço comprido enquanto o sangue manchava o mato. Cato fixou outra flecha na corda do arco apressadamente, e correu pela clareira. Sentindo o perigo, e enlouquecido pela seta farpada enterrada bem funda no pescoço, o veado debateu-se e saltou pelo trilho em direcção ao rio. Descuidando a vegetação que se emaranhava no trilho, Cato perseguiu a sua presa pelo declive abaixo, deixando distância, depois encurtando-a de cada vez que o veado caía. O animal ferido irrompeu para a margem do rio e depois mergulhou. A superfície suave explodiu numa multidão de gotículas que cintilavam à medida que apanhavam o sol de fim de tarde.

Cato estava perto, e aproximou-se da margem do rio. Parecia mais largo e mais perigoso do que quando o viu mais acima na clareira. O veado chapinhava e Cato ergueu o arco, furioso por o animal poder escapar a ser levado pela corrente.

O veado debatia-se, agora a uns trinta passos. A segunda flecha

apanhou-o mesmo no meio das costas e as partes de trás caíram sem sentido. Largando o arco na margem do rio, Cato mergulhou. O leito do rio estava cheio de seixos e tinha menos de um pé de profundidade. A água espumava sobre ele à medida que se aproximava do veado com o punhal empunhado. A segunda flecha desfizera a espinha do veado e este retorcia-se em terror, tentando desesperadamente usar as patas da frente para se arrastar, e manchando a água com o seu próprio sangue.

Cato parou perto, com medo dos coices e contornou-o. Quando a sua sombra caiu sobre o focinho, o veado gelou de terror, e agarrando a oportunidade Cato golpeou a garganta do animal de uma só vez. O fim foi misericordiosamente rápido, e depois de uma breve luta o veado ficou inerte, os olhos a fitarem o vazio. Cato tremia, em parte pela energia nervosa libertada pela perseguição frenética e pela morte, e por outra por um sentido peculiar de mau gosto e vergonha por ter matado o animal. Era diferente de matar um homem. Muito diferente. No entanto, porque é que o fazia sentir pior? Depois Cato percebeu que nunca tinha matado um animal destes antes. Claro, tinha torcido o pescoço das galinhas estranhas, mas isto fazia-o sentir inseguro e o turbilhão de sangue a vazar aos seus pés fê-lo sentir enjoado.

Olhou novamente para os pés. Depois para a margem do rio pela qual viera a correr. Depois para a outra margem.

— Será que?...

Cato afastou-se do veado e dirigiu-se para a outra margem onde as árvores eram completamente negras contra um céu cor-de-laranja estrábico, tentou calcular a profundidade da água à sua frente. Estava demasiado escuro, e continuou nervosamente o seu caminho através da água, testando cada passo à medida que avançava. A profundidade do rio aumentou gradualmente, e a corrente acelerou, mas quando chegou a meio do rio a água apenas lhe dava pelas ancas. Daí para a frente a profundidade voltava a diminuir e cedo se encontrou na

margem oposta olhando para a outra onde se encontravam as legiões.

Aninhou-se nas sombras e esperou até que o sol se pusesse totalmente e as estrelas brilhassem no céu da noite, mas não havia sinais de ninguém. Nenhum homem a vigiar, nenhuma patrulha, só os sons dos pica-paus e os estalos suaves das criaturas da floresta que se moviam na escuridão acima dele. Satisfeito por estar sozinho, Cato regressou ao rio, passou o vau em direcção ao corpo do veado e arrastou-o até onde tinha deixado o arco de caça.

O optio sorriu alegremente. Os homens da Sexta Centúria iam comer bem esta noite, e amanhã o resto da legião ia ter mais alguma coisa para lhe agradecer.

VII

— Tens a certeza que é este o local, optio?

— Tenho, senhor.

Vespasiano olhou para o rio em direcção à outra margem. A alvorada ainda não tinha rompido, e o perfil das árvores mal se distinguia do céu nocturno. A margem oposta estava invisível, e o único som que se ouvia para além da água era o pio de um mocho. Atrás do legado o trilho estava cheio com uma massa silenciosa de legionários, tensos e alerta ao primeiro sinal de perigo. As manchas nocturnas eram o fantasma da vida no exército: não faziam ideia das distâncias que caminhavam, frequentes paragens à medida que as colunas se engarrafavam ou simplesmente batiam uns nos outros, e o permanente medo das emboscadas. Eram também difíceis de coordenar, e era por isso que os comandantes do exército raramente moviam as suas tropas entre o pôr-do-sol e a alvorada. Mas o plano de ataque desenvolvido por Pláucio e os seus oficiais assistentes requeria que a Segunda Legião atravessasse o rio e estivesse em posição o mais depressa possível, e de preferência protegidos pela escuridão.

Vespasiano não acreditava na sua sorte quando lhe levaram notícias sobre a descoberta de um vale a menos de duas milhas do acampamento da legião. Era quase demasiado conveniente, suspeito, por isso interrogou o optio exaustivamente. Cato, cujas habilidades ele conhecia das experiências anteriores, era inteligente e cuidadoso, duas qualidades que um legado admirava particularmente, e podia confiar-se no relatório acurado dele. Não obstante, se o optio descobrira a passagem tão facilmente, certamente os Bretões também a conheciam. Podia muito bem ser uma armadilha. Haveria pouco tempo para testar esta hipótese, apercebeu-se ele quando olhou por cima do ombro para onde a escuridão estava a rarefar-se contra o horizonte. Uma

pequena força tinha que ir bater o terreno imediatamente. Se os Bretões estivessem a vigiar a vau, a legião seria forçada a subir ainda mais o rio à procura de outro. Mas quanto mais tempo levassem a atravessar, menos hipóteses teria o general de coordenar os três ataques nas fortificações Bretãs.

— Centurião!

— Sim, senhor! — Macro apresentou-se prontamente.

— Leve os seus homens para a outra margem e inspeccione meia milha em cada direcção, a contar da extremidade do vau. Se não encontrar o inimigo e considerar que podemos fazer a travessia sem sermos observados, mande um mensageiro ter comigo. Talvez seja melhor usar aqui o Cato.

— Sim, senhor.

— Se tiver alguma dúvida quanto à situação, regresse, entendido?

— Sim, senhor.

— E seja rápido. Não vamos estar a coberto da escuridão por muito mais tempo.

À medida que a Sexta Centúria enchia o trilho e entrava no rio, Vespasiano passou a palavra pela coluna para que os homens se sentassem e descansassem. Necessitariam de todas as forças para o dia que viria. Voltando-se novamente para o rio, viu a massa negra a afastar-se atravessando o vau, parecendo formar um estrépito inumano enquanto chapinhavam na corrente fraca. A tensão só amainou quando deixou de ouvir Macro e os seus homens. Tinham chegado ao outro lado.

Quando os homens se reuniram na margem, Macro emitiu as ordens calmamente. Dividiu-os em sessões e a cada uma foi destinado um eixo de avanço. Depois, secção por secção, os homens iniciaram o seu caminho pelas árvores.

— Cato, ficas comigo, — sussurrou Macro. — Vamos.

Com um último relâmpago negro contra o horizonte acinzentado, embrenhou no bosque. A pa-



audíveis no início, o partir do equipamento. Mas os sons esmoreceram gradualmente à medida que os homens se habituaram ao movimento não costumeiro e as secções separaram-se umas das outras. Cato fez o melhor por acompanhar o centurião sem tropeçar ou fazer demasiado barulho. Contou cada passo da meia milha que Vespasiano tinha ordenado. O bosque parecia continuar eternamente, inclinando-se ligeiramente em subida. Subitamente o mato traiçoeiro deu lugar a um solo muito mais sólido, e as árvores abriam-se numa clareira. Macro parou e aninhou-se, esforçando os olhos para discernir as imediações.

argem oposta, silenciosa e virou-se e cuidadosamente ras secções eram claramente surro do mato e o ruído do

Pela luz fosca que trespassava os cumes das árvores, Cato conseguiu enxergar a mata antiga onde estavam. A mata era circundada por carvalhos antigos rugosos, nos quais estavam pregados centenas de caveiras, as órbitas dos olhos vazias, e cabeças de mortos arreganhadas cercando-os por todos os lados. No centro da clareira estava um altar grosseiro feito de lajes de pedra monumentais, dos quais pendiam dos lados correntes negras. Uma atmosfera sinistra tomava conta da mata e ambos os homens tremeram, não inteiramente pelo frio.

— Merda! — Sussurrou Macro. — Que raio de lugar é este?

— Não sei... — Respondeu Cato calmamente. A mata parecia quase sobrenaturalmente silenciosa, mesmo as primeiras notas da alvorada pareciam mudas de alguma forma. Apesar da sua aderência a uma visão racional do mundo, Cato não podia deixar de estar assustado pela atmosfera opressiva da mata. Sentiu um impulso para sair daquela cena grotesca o mais depressa possível. Isto não era para Romanos, ou quaisquer homens civilizados. — Deve ter algo a haver com os cultos deles. Druidas ou algo do género.

— Druidas! — O tom de Macro traía o seu alarme. — É melhor sair daqui depressa.

— Sim, senhor.

Mantendo-se nas franjas da clareira, Macro e Cato arrepiaram-se ao passar por três árvores com os seus troféus sinistros, e continuaram pelos bosques. Uma onde palpável de alívio parou sobre eles à medida que deixavam a mata para trás. Desde que os Romanos tinham pela primeira vez encontrado os druidas, lendas negras da sua magia negra e rituais de sangue passavam de geração em geração. Macro e Cato sentiram ambos uma tensão gelada eriçar os cabelos por trás do pescoço e passar suavemente pelas sombras. Durante algum tempo progrediram pelo mato em silêncio até que, por fim, Cato teve a certeza que podia ver sombras leves à sua frente.

— Senhor! — Sussurrou.

— Sim, eu vi. Temos que nos aproximar da linha das árvores.

Mais cautelosos do que nunca, seguiram o seu caminho até as árvores aclararem e só restarem árvores novas. Estavam no topo da encosta que corria atrás do rio, e tinham uma vista clara para lá e ao longo da encosta na direcção das fortificações Bretãs que guardavam o vau. Fumo das fogueiras dos dois exércitos manchavam o céu. A Este o céu estava lavado a cor-de-rosa e uma luz enevoadada era visível junto ao rio. A terra a Oeste ainda estava encoberta pelas sombras. Não havia qualquer sinal de movimento e Macro acenou ao seu optio para regressar às árvores.

— Volta ao legado e diz-lhe que é seguro, a legião pode começar a travessia. Vou permanecer aqui mais um pouco para me assegurar.

— Sim, senhor.

— É melhor dizeres-lhe como são os contornos da terra vistos daqui de cima. Não nos poderemos aproximar ao longo do cume da encosta, topar-nos-iam a uma milha de distância. Temos que seguir a

margem do rio até estarmos perto dos Bretões e depois sim dirigirmo-nos para a encosta. Percebeste tudo? Agora vai!

Cate fez o caminho encosta abaixo mais depressa do que tinham trepado agora que a luz se fortalecia, revelando todas as raízes traiçoeiras e silvas. Mesmo assim manteve-se bem afastado da mata, Cato chegou à margem do rio mais depressa do que antecipara. Durante uns instantes entrou em pânico quando não viu sinais do resto da legião na margem oposta. Depois um ligeiro movimento rio acima prendeu-lhe a atenção e lá estava o legado a acenar com um braço abrigado entre as árvores. Momentos depois Cato fazia o relatório.

— Marcha ao longo da margem do rio? — Vespasiano reflectiu duvidando enquanto vigiava a outra margem. — Isso vai atrasar-nos.

— Não podemos fazer nada, senhor. A encosta é demasiado exposta e o bosque demasiado denso.

— Muito bem. Volta ao teu centurião, e diz-lhe que ele deve bater o caminho à frente da força principal. Evite qualquer contacto e comunique tudo o que vir.

— Sim, senhor.

Enquanto a coluna começou a encher o vau, as secções batedoras da Sexta Centúria reagruparam-se na margem oposta em redor de Macro. Assim que Cato relatou as ordens do legado, Macro mandou formar os seus homens e mandou o optio à frente com a primeira secção. Cato estava ciente da responsabilidade colocada em cima dele. Era agora os olhos e os ouvidos da Segunda Legião. Dele dependia o sucesso do plano do general, e a segurança dos seus camaradas. Se o inimigo fosse avisado da aproximação da Segunda Legião, teriam tempo de sobra para preparar as boas vindas aos atacantes. Pior ainda, podiam ter tempo para organizar um contra-ataque. Com isto no seu pensamento, o jovem optio arrepiou-se à frente ao longo da margem, esforçando os seus sentidos ao máximo. O rio calmo deslizava no ar

pálido, enquanto o sol se erguia sobre as árvores e enchia a manhã de Verão com luz e calor. Assim continuaram pela melhor parte de uma hora, Cato seguia à frente, até chegar a um lugar onde a margem do rio cedera, e muitos anos antes um carvalho gigante tinha tombado para a água. Estava deitado no caminho na orla do rio, ramos secos e mortos ondeando o fluxo da maré. Uma massa de raízes rasgava a terra provendo uma estrutura para que um novo crescimento se desenvolvesse.

Um súbito chapinhar na água fê-lo gelar, e os homens da secção de batedores trocaram olhares ansiosos antes de Cato localizar o alcião empoleirado num ramo que sobressaía na superfície do rio. Quase que riu perante a súbita libertação de tensão quando reparou, a não mais de cinquenta pés de distância, num cavalo parado na orla do rio. O pescoço gracioso do animal baixou e começou a beber. Um par de rédeas prendia o cavalo ao tronco de uma árvore. Do cavaleiro não havia sinal.

VIII

— Avise os navios para abrirem fogo.

— Sim, senhor. — Vitélio fez continência e saiu astutamente do caminho. Este cargo como assistente do general estava a provar ser extremamente oneroso. Pláucio usava qualquer desculpa para o considerar em e não havia um momento em que ele não sentisse o olhar escrutinador do general sobre ele. Bem, deixa o bastardo divertir-se por agora, pensou Vitélio. O tempo estava do seu lado. Com o seu pai bem metido no círculo íntimo do Imperador, a sua carreira avançaria com a subtileza necessária. Ele aguardaria o seu tempo e sofreria o desprezo de velhos tontos como Pláucio até ao dia oportuno para fazer a sua jogada. Vitélio já albergava uma ambição tão audaciosa que só o facto de pensar nisso fazia com que tivesse de parar para recuperar o fôlego. Se Cláudio conseguira tornar-se Imperador, então qualquer homem com paciência e força de vontade o podia fazer. Mas segurou-se, não podia agir até ter garantias de sucesso. Até lá, apenas podia escavacar à distância a dinastia reinante dos Cláudios, minando invisivelmente o Imperador, e os seus herdeiros, de todas as formas possíveis.

Trotando pela encosta abaixo até ao quartel-general provisório, Vitélio acenou para o aglomerado de trombeteiros. Eles pegaram nos seus instrumentos e apressaram-se para a linha. A sinalização das ordens fora inteiramente delineada na noite anterior e assim que o tribuno passou a palavra, soaram as primeiras notas, rasgando o ar matinal acima das cabeças dos tabeliães que escrevinhavam em placas de campanha. Primeiro a identificação da unidade, depois a instrução para a acção previamente combinada. Em baixo, quatro trirremes planavam na superfície suave do rio, ancorados à popa e à frente para apresentar os seus raios às fortificações Bretãs. Como Vitélio presenciava, o bandeirola mergulhou rapidamente no veleiro mais próximo, dando a

conhecer a ordem. Pequenas figuras apressaram-se para as suas posições à volta das catapultas fixadas nos conveses. O fumo deixava um trilho no céu dos fornos portáteis requisitados ao exército na noite anterior. No início o prefeito da frota recusara terminantemente a colocação de qualquer aparato bélico nos seus navios; o risco era demasiado grande. O general insistira; as fortificações têm de ser destruídas para ajudar o posterior assalto a infantaria. De qualquer forma recusara, a frota já não estava no mar. Se o pior acontecesse os marinheiros estariam ao alcance dos seus camaradas na margem que os salvariam.

— E a galera de escravos? — Perguntou o prefeito da frota.

— O que tem?

— Estão acorrentados aos bancos, — explicou o prefeito pacientemente. — Se houver um incêndio, não teremos grandes hipóteses de os tirar cá para fora.

— Espero bem que não, — concordou o General Pláucio. — Mas veja o lado positivo. Assim que derrotemos aquele bando, garanto-lhe que terá a primeira escolha sobre os prisioneiros para substituir as suas perdas. Parece-lhe bem?

O prefeito considerou a proposta e acabou por assentir. Novos recrutas para os bancos dos escravos seriam bem aceites pelos seus capitães, aos que ainda lhes restassem navios, claro.

— Agora, — concluiu Pláucio, — certifique-se de que teremos artilharia incendiária a postos de manhã.

Relembrando a cena, Vitélio sorriu enquanto subia a encosta a caminho do posto de comando do general.

À medida que o sol se erguia por trás deles, as catapultas dos navios abriram-se, os seus braços de arremesso, esmurrados contra as suas barras de refreio. Cabos finos de fumo gorduroso subiram em direcção às fortificações Bretãs, e a seguir os projecteis esmagavam-se contra o chão, desfragmentando-se em pequenas poças brilhantes

de óleo quente. Lançadores de dardos arremessaram flechas de ferro pesadas sobre a paliçada para desencorajar qualquer tentativa por parte dos Bretões de apagarem o fogo.

Vitêlio assistira ao efeito de uma barragem de lançamentos de dardos antes de saber quão eficientes podiam ser essas armas. Os Bretões, no entanto, não o sabiam e, como o tribuno viu, um enxame de nativos a correrem sobre a fortificação em direcção à secção da paliçada que tinha sido atingida e ardia a toda a força. Chegando ao local, os Bretões escavavam a terra freneticamente para o fogo, enquanto outros formavam uma corrente com baldes até ao rio. Mas antes da corrente sequer iniciar o trabalho, as equipas de lançadores de dardos investiam sobre eles, e em pouco tempo o solo estava espalhado com figuras atiradas por terra por uma saraivada de dardos. Os sobreviventes fugiram, seguidos velozmente pelos companheiros das pás.

— Não devemos voltar a vê-los esta manhã, senhor. — Disse Vitêlio a sorrir quando se juntou ao General Pláucio.

— Não. Não se eles tiverem juízo. — Pláucio olhou para a direita onde a superfície prateada do rio, encurvando-se numa grande extensão, desaparecia dentre a terra que se erguia no outro lado. Neste momento, quatro milhas abaixo, as coortes Batavianas deviam estar a fazer a travessia a nado; quatro mil homens em coortes misturadas entre cavalaria e infantaria. Recrutados nas recentes tribos dominadas no baixo Reno, os Batavianos, como todas as coortes auxiliares, tinham o papel de atormentar o inimigo até que as legiões se pudessem aproximar para matar. Com sorte alcançariam a margem oposta e formariam antes dos batedores do inimigo reunissem forças suficientes para debelar a ameaça. Pláucio não duvidava que Carátaco teria homens posicionados ao longo da margem do rio por várias milhas nos dois sentidos. Pláucio contava que os Bretões não conseguissem reagir com a rapidez necessária para reprimir cada ataque.

Assim que detectasse o inimigo rio abaixo, o ataque frontal começaria. Mesmo o sopé da encosta, junto ao vau, as grossas fileiras da Legião estavam calmas e silenciosas, aguardando a ordem de avanço para as fortificações inimigas. Pláucio conhecia bem o terror frio que escavava um fosso nos seus estômagos, à medida que o ataque se aproximava. Estivera nas fileiras com eles algumas vezes na juventude, e agora agradecia aos deuses por ser um general. É verdade que enfrenta agora outros receios e ansiedades, mas já não o terror físico das batalhas corpo a corpo.



Olhando para a esquerda, rio acima, contemplou as florestadas margens do rio que engoliam a superfície prateada da água, permitindo apenas um brilho aqui e um reluzir ali. Algures naquela ondulação selvagem espalhava-se a Segunda Legião, descendo em direcção ao flanco inimigo. Pláucio franziu o sobrolho quando não vislumbrou quaisquer sinais de movimento. Se Vespasiano conseguisse cumprir o plano e chegasse dentro do tempo predeterminado pelo general, a vitória sobre Carátaco estava assegurada. Mas se Vespasiano se atrasasse por qualquer razão, o assalto principal poderia ser contido e derrotado e os Batavianos, isolados no lado errado do rio, seriam cortados em pedaços.

Tudo dependia de Vespasiano.

IX

Pequenas ondulações reflectiam-se na água onde o focinho do cavalo mergulhava no rio. Era um animal pequeno mas robusto e bem cuidado, como o brilho nos seus flancos demonstravam. Um fio trançado grosso saía da teliz presa na sua montada, e no lado oposto era visível o aro de um escudo.

Cato virou-se para os seus homens e acenou com a mão para que se mantivessem quietos. Depois ergueu-se lentamente, escondido atrás do tremendo tronco de um carvalho, e espreitava o cavalo. Sustendo a respiração, como se estivesse a ser audível, perscrutou as redondezas em busca de outros sinais de vida. Mas não havia mais nada, somente o cavalo. Cato praguejou silenciosamente; onde estava o cavaleiro? O cavalo estava preso. O cavaleiro tinha que estar por ali. Cato apertou com mais força o seu dardo de arremesso.

A não mais de poucos passos de distância alguém tossiu, e antes que um Cato pasmado pudesse reagir, um homem ergueu-se do outro lado do tronco, virado para o lado oposto ao seu e puxando para cima os seus calções grosseiros de lã.

— Merda! — Cato tentou erguer a sua lança.

O homem virou-se, olhos cintilantes, dentes à mostra sob um bigode ruivo. O seu cabelo viscoso eriçado em pontas matizadas debaixo do elmo de bronze. Por um momento ambos permaneceram imóveis entorpecidos pela surpresa. O Bretão reagiu primeiro. Pegou em Cato pelas alças dos ombros e com um empurrão poderoso arrastou-o e atirou-o para o meio de um monte de seixos perto da margem do rio. O impacto tirou o ar dos pulmões a Cato. Um punho foi de encontro à sua boca, e o mundo tornou-se cegamente branco. Ouviram-se gritos, a visão regressou e viu o Bretão em cima de si, a espada meia desembainhada, a olhar para o tronco da árvore. Depois

o homem desapareceu, seixos dispersos ao acordar quando mãos amistosas puxaram Cato.

— Estás bem?

— Não o deixem escapar! — Arfou Cato. — Agarrem-no!

Pirax largou o seu optio abruptamente e correu no encalço do homem, seguido pelo resto da secção que escalavam sobre o tronco da árvore.

Quando Cato recuperara o suficiente para se levantar, já tudo tinha acabado. O rosto do Bretão remanesceu virado para baixo na orla do rio a dez passos do cavalo, um par de dardos sobressaía das suas costas. O cavalo havia sacudido as rédeas e liberto o nó e recuou. Mirava agora os forasteiros desconfiadamente como se esperasse em vão pelo regresso certo do seu dono.

— Alguém que agarre o cavalo, — ordenou Cato. A última coisa que lhe faltava era que o animal lhe fugisse e fosse localizado por outros batedores Bretões. Um dos homens pousou o seu escudo e elmo e moveu-se rapidamente para o cavalo.

— Faz um ruído como uma cenoura, — sugeriu Pirax sem que fosse grande ajuda, antes de pegar no braço de Cato. — Tudo bem, Cato?

— Viverei.

— Quase que te deixou lá dentro! — Pirax acenou para o tronco.

— Não tem graça. — Cato sentiu o queixo, latejando do golpe, e viu sangue na sua mão de um lábio cortado. — Bastardo!

— Dá graças por não ter sido pior. Tinha-te esmurrado à grande se pudesse.

— Não consegui vê-lo. — Cato começou a corar.

— Não é nenhuma vergonha, optio. Estou grato por teres comandado à frente.

— Obrigado, — resmungou Cato. Mandou um homem vigiar a

próxima curva do rio enquanto estudava a situação. O corpo e o cavalo tinham que desaparecer. O corpo era simples, e a patrulha colocou-o rapidamente sob o tronco e empilhou seixos e ramos para escondê-lo da vista. O cavalo era um desafio maior. Com a besta bem atada a um cepo, Cato desembainhou a espada com cabo de marfim que Bestia lhe deixara e aproximou-se prudentemente. Não lhe agradava aquela tarefa e o trabalho não era facilitado pelos olhos brilhantes que o fitavam.

— Vamos lá, cavalinho, — disse suavemente. — Vamos acabar com isto rapidamente.

Elevando a arma, deu um passo para o lado e procurou um ponto para golpear.

— Optio!

Cato olhou em redor e viu Pirax a gesticular mais abaixo. O homem que vigiava estava aninhado e a acenar freneticamente para chamar atenção. Cato acenou em resposta e o homem atirou-se ao chão.

— Esperem aqui. Mantenham o cavalo quieto. Cato correu em direcção ao homem, aninhando-se nos últimos passos antes de se deitar ao lado do vigia. No fim da curva do rio estava um pequeno açude, uma parte de obstáculo natural, e outra feita pelo homem para funcionar como ponto de passagem. O som da água a cair num rugido abafado chegava aos ouvidos deles. Mas o que atraíra a atenção do vigia fora o grupo de cavaleiros bem para lá do açude. Viram um dos Bretões destacar-se do grupo e vir na sua direcção, as mãos em concha e a gritar algo inaudível acima do estrépito do açude.

— Estão à procura do homem, — apercebeu-se Cato. — Querem certificar-se se ele viu alguma coisa.

— E se não o encontrarem?

— Vão suspeitar e começar à procura. Não podemos deixar que

isso aconteça.

O vigia olhou para os Bretões e disse: — Não podemos com eles. São muitos.

— Claro que não podemos combater todos. Queremos saber qual o número de casos, duvido que eles combatessem. Estão a fazer o mesmo trabalho que nós. Encontrar o inimigo e reportar, mais nada. Mas não os podemos deixar preocupar com um dos seus batedores. — Cato olhou o Bretão a aproximar-se com o cavalo, ainda a gritar algo. — Espera aqui, e esconde-te bem.

Cato voltou para junto do resto da patrulha. Examinou o Bretão morto e olhou para os seus homens. — Pirax! Sabes montar?

— Sei, optio.

— Ótimo, veste o manto e o elmo deste homem, o mais depressa possível.

Pirax olhou espantado.

— Não penses, age.

Tirando os dardos do corpo, a patrulha despiu rapidamente o manto e as polainas e deu-os a Pirax. Com uma aversão severa o veterano vestiu os trajes grosseiros do Bretão e atou as alças do elmo de bronze. Depois montou o cavalo. O animal intimidou-se por uns instantes no início, mas uma mão firme nas rédeas e uma pressão firme nos flancos acalmaram o animal de alguma forma.

— Agora vai para a curva do rio e espera lá.

— E depois?

— Depois fazes o que eu te mandar.

A patrulha seguiu Pirax e depois agacharam-se no mato ao longo da margem. Do seu local vantajoso Pirax conseguia ver o Bretão a aproximar-se, a chamar o seu companheiro a não mais de cento e cinquenta passos de distância, quase ao nível do açude.

— Que faço? — Perguntou calmamente.

— Acena com o braço como que a dizer que não viste nada.



— Como é que faço isso? – Perguntou Pirax.

— Como é que queres que eu saiba? Não sou nenhum encenador de teatro! Improvisa.

— E se ele não ficar satisfeito?

— Então a legião vai entrar em combate mais cedo do que estava à espera.

— Ele já me viu! — Endureceu Pirax nervosamente, antes de se lembrar de levantar um braço em saudação.

Cato arrastou-se para a frente até conseguir vislumbrar o Bretão a aproximar-se por entre os fetos matizados pelo sol e urtigas. O homem chegara ao açude e controlava o cavalo. Voltou a chamar, as palavras permaneciam indistintas sob o rugido da água que tombava. Pirax acenou com a mão, seguido de uma elaborada e demorada vénia. O Bretão virou-se e gritou para os seus companheiros, a pouca distância. Depois de uma breve troca de palavras o Bretão bateu com os calcanhares nos flancos do cavalo e continuou a aproximar-se da curva do rio.

— E agora? — Perguntou Pirax subtilmente.

— Quando eu disser “agora” tu acenas-lhe e levas o cavalo mais para trás até ficares fora do alcance da vista dos outros. Nós depois tratamos-lhe da saúde.

— Está bem. E depois?

— Uma coisa de cada vez.

Enquanto Cato continuava escondido a observar, o cavaleiro acercava-se, o seu comportamento era casual e despreocupado, a saborear o sol de Verão matinal. Cato contorceu-se um pouco para desembainhar a espada lentamente. Seguindo a sua deixa, os outros homens preparam-se para quando o Bretão passasse por eles. Depois, quando o homem não estava a mais de cem pés de distância, perto o suficiente para Cato vislumbrar apenas um rosto de um jovem debaixo

do elmo, o clamor agudo de uma trompa de guerra céltica soou rio acima. O Bretão parou o cavalo e virou-se para trás em direcção ao grupo de cavaleiros. Eles estavam rodar, os braços a acenarem freneticamente, gesticulando para que ele voltasse depressa. Com um grito final para Pirax, o jovem Bretão rodou o cavalo e trotou até aos seus companheiros que já estavam a subir a encosta em direcção à passagem fortificada do rio.

— Que faço agora? — Perguntou Pirax.

— Nada. Deixa-te estar até eles saírem da vista.

Como Cato esperava, os Bretões estavam com demasiada pressa para dispensarem atenção ao solitário batedor Bretão e desapareceram no meio das árvores sem um olhar para trás para Pirax. Quando o jovem desapareceu nas árvores, Pirax relaxou as rédeas e andou para a frente.

— Merda! Foi por pouco.

— Bom trabalho! — Cato sorriu enquanto se erguia e afagou o cavalo, perto do focinho.

— Que foi aquilo? O toque de uma trompa?

— Julgo que eles já deram pelos Batavianos. É melhor ires ter com o Vespasiano e dizer-lhe o que se passou. Nós continuaremos rio abaixo, mas duvido que encontremos mais batedores. Podes ir.

— Está bem. — Pirax puxou as rédeas e bateu com os calcanhares.

— Pirax! — Chamou Cato. — É melhor livrares-te desse elmo e do manto antes de ires, isto se quiseres sobreviver o tempo suficiente para fazeres o relatório.

X

A massa distante da infantaria e da cavalaria estava a formar atrás das fortificações Bretãs quando Vitélio olhou ansiosamente para nordeste. Era quase meio-dia, o céu estava de um azul profundo e o sol batia nos dois exércitos de frente um para o outro de cada lado do rio. Do local onde estava usufruía de uma vista gloriosa sobre a paisagem, a maior parte da qual limpa da ceifa dos cereais, ondulando suavemente como lençóis de seda verde na brisa leve. Esta terra daria uma excelente província ao Império, decidiu, assim que os seus habitantes se submetessem a Roma e adoptado os modos civilizados. Mas essa submissão não estava próxima. Na realidade esta gente estava a revelar-se uma noz dura de partir mais do que haviam levado o exército a crer. Faltavam-lhes os conhecimentos tecnológicos da guerra moderna, mas combatiam com um ímpeto impressionante.

Assim que os navios de guerra Romanos gastaram as suas munições incendiárias, os Bretões precipitaram-se para fora das terraplanagens e atiraram uma camada de baldes de vime cheios de seixos para se protegerem dos lançadores de dardos enquanto reparavam os estragos. Muitos homens haviam sido mortos no processo, mas os Bretões simplesmente puxavam os corpos para cima do aterro. Um guerreiro em particular estava a provar ser extremamente irritante para as equipas de artilharia Romana. Era um homem enorme, com um elmo com asas sobre o seu cabelo loiro, estava nu junto à água, a insultar os navios Romanos enquanto acenava em jeito desafiador um machado com duas cabeças. De vez enquanto virava as costas e mostrava o traseiro para o inimigo, desafiando-os a fazerem o seu pior. A marinha estava irritada por este desafio arrogante e os lançadores de dardos no trirreme mais próximo tinha mudaram-se para mais próximos do guerreiro Bretão. Ele demonstrava ser notavelmente ágil e

até ao momento tinha conseguido evitar os dardos disparados para ele. Na realidade, quando mais insultuoso se tornava, pior era a pontaria das unidades no desespero de o apanhar— Idiotas! — Resmungou o General Pláucio.

— Não conseguem ver o que é que ele está a fazer?

— Senhor?

— Veja, Vitélio. — Apontou o General. A embarcação que estava a concentrar o fogo no guerreiro estava a servir de escudo aos Bretões dos outros trirremes, e o trabalho de reconstrução deles continuava sem problemas. — Maldita marinha! Deixam o orgulho prevalecer sobre os miolos, como sempre.

— Devo mandar um mensageiro ao prefeito de frota, senhor?

— Não adianta. Quando chegasse ao capitão daquele barco já os sacanas dos Bretões terão terminado o trabalho a caminho da sesta. Tudo porque um oficial da marinha sensível não conseguir rivalizar com um bárbaro que lhe está a mostrar o cu.

Vitélio captou a nota de cansaço da voz do General e apercebeu-se que os planos da noite anterior começavam a decifrar-se. Não só a marinha tinha falhado a destruição das defesas, como tinham falhado também os estragos suficientes para limpar o caminho para o ataque de infantaria subsequente. E longe de desmoralizarem os Bretões a marinha fizera os Romanos parecerem uns parvos por dirigirem a sua ira para um guerreiro nu. Quando a Nona atravessasse o vau enfrentariam um inimigo encorajado atrás das fortificações. O sucesso do ataque já não era uma certeza. Para agravar mais o problema, não houvera qualquer notícia do progresso da Segunda Legião desde que tinham atravessado o rio à primeira luz da manhã. Se Vespasiano estivesse em conformidade com o plano, estaria quase em posição, pronto para atacar o flanco direito dos Bretões.

Do outro lado do campo de batalha tinham chegado notícias do

prefeito no comando das co-
sucedida. O inimigo fora a-
tiveram tempo de formar
pudessem lançar um contra
tinham atacado uma unidade grande de carros. Assoberbados por
essas armas impressionantes mas demasiado antigas, os Batavianos
lançaram-se sobre eles, atacando primeiro os cavalos, como o General
Pláucio ordenara. Sem os cavalos os carros eram inúteis, e tudo o que
restava para fazer era fazer caretas aos lanceiros sem cavalos e aos
condutores.



s de que a travessia fora bem
contra pé e todos os homens
posta antes que os Bretões
Melhor ainda, os Batavianos

Até ver tudo bem.

Mas agora, Carátaco conhecia as fraquezas das forças Romanas no flanco esquerdo e movia-se rapidamente para cercar os Batavianos e empurrá-los para o rio. Se isso fosse feito com rapidez suficiente ele conseguiria redistribuir as suas forças e defender o próximo ataque que Pláucio preparava. Era este o momento da Nona Legião avançar, para retirar aos Batavianos e sugar mais Bretões para defesa das fortificações em redor do vau. E quando as últimas reservas de Carátaco estivessem comprometidos a Segunda Legião emergiria da floresta a sudeste e esmagaria o inimigo num torno de ferro.

— Oh, senhor! — Vitélio riu subitamente. — Olhe para ali!

O guerreiro nu pagara finalmente o preço da sua ousadia, estava sentado, pernas abertas esticadas e contorcia-se com um dardo que se tinha alojado na anca. Pela quantidade de sangue que jorrava para a lama pisada à sua volta, uma artéria principal fora cortada pelo dardo. Enquanto olhavam o guerreiro foi atingido no rosto por outro dardo, o elmo e a cabeça rebentou em fragmentos de sangue quando o torso foi impelido para trás com o impacto.

— Boa! — Assentiu o general. — Isso deve agradar a marinha. Tribuno, está na hora do ataque principal. É melhor pedir um escudo

a alguém.

— Senhor?

— Preciso de um bom par de olhos no terreno, Vitélio. Vais na primeira leva e toma nota de todas as defesas que encontrares, a natureza do terreno, e qualquer terreno que possamos explorar se tivermos que repetir tudo novamente. Quero o relatório assim que regressares.

Se regressar, reflectiu Vitélio amargamente quando tomou consciência da tarefa que enfrentava a Nona Legião. Seria perigoso, muito perigoso. Mesmo se sobrevivesse, havia sempre a hipótese de sofrer um ferimento tão desfigurante que faria com que as pessoas virassem a cara para o lado. Vitélio era vaidoso o suficiente para desejar afecto e admiração, bem como poder. Perguntava-se se o general poderia ser persuadido a enviar um oficial mais dispensável no seu lugar e olhou para ele. Plácio olhava para ele de perto.

— Não há razão para atrasos, Tribuno. Pode ir.

— Sim, senhor. — Vitélio fez a continência e requereu imediatamente um escudo a um dos guarda-costas do general, antes de se dirigir para as duas coortes da Nona Legião designadas para o primeiro ataque.

As restantes oito coortes estavam sentadas na erva pisada no declive em direcção ao rio. Estava-lhes garantida uma vista espectacular do ataque e aclamariam os seus companheiros com toda a força dos pulmões deles quando chegasse a hora, a maioria imbuída de um sentido de auto preservação, pois se a primeira leva falhasse cedo chegaria a vez deles defrontarem os Bretões. Vitélio percorreu o caminho por entre a unidade e dirigiu-se às linhas da Primeira Coorte, o braço armado de todas as legiões, uma unidade dupla encarregue das missões mais perigosas em qualquer campo de batalha. Mais de novecentos homens em sentido, as lanças na vertical, vigiando

silenciosamente os perigos à frente deles.

O legado da Nona, Hosídio Geta, estava logo atrás da Primeira Centúria. Ao seu lado estava o centurião-chefe da legião e atrás deles o corpo de comando cerrando o estandarte da água.

— Boa tarde, Vitélio, — cumprimentou Geta. — Vens-te juntar a nós?

— Sim, senhor. O general quer que alguém analise o terreno na hora do ataque.

— Boa ideia. Faremos o melhor para que consiga fazer o seu relatório.

— Obrigado, senhor.

As cabeças viraram-se para a resposta carregada de ironia mas o legado foi cavalheiro o suficiente para deixar passar.

Entretanto, as trompetas do quartel-general emitiram o sinal da unidade, seguidas de uma pausa e depois da ordem para avançar.

— É para nós. — O legado acenou para o centurião-chefe. Geta apertou a correia do seu elmo com grande aparato e inspirou fundo para dar as ordens.

— Primeira Coorte preparar para avançar! — Três batidas, e depois, — avançar!

Com o centurião-chefe a coordenar os passos, a coorte moveu-se numa massa ondulante de elmos de bronze, tinindo as ligações das cotas de malha e com pontas de dardos de arremesso a cintilarem, linha após linha de homens a marchar directamente para a orla do rio onde a água corria sobre um monte de seixos e ervas daninhas.

Vitélio posicionou-se mesmo atrás do legado, concentrado em manter o passo coordenado com o corpo de comando. Quando deu por si estava no rio, chapinhando na água castanha que rodopiava agitada na esteira da Primeira Centúria. À sua direita o trirreme mais próximo parecia ser uma vasta fortaleza flutuante, erguendo-se a apenas

cinquenta passos de distância. Os rostos da tripulação eram claramente visíveis no convés à medida que apressavam o bombardeamento da outra margem, amolecendo os defensores o mais possível antes dos seus companheiros do exército lá chegassem. A pancada forte das catapultas e os estrondos agudos dos lançamentos de dardos faziam-se sentir claramente na água, e ouviam-se mesmo acima do malhar da infantaria a atravessar o rio.

A água chegou rapidamente às suas ancas e Vitélio notou alarmado que tinha percorrido menos de um terço do caminho. O aumento da profundidade abrandou o avanço e as linhas dianteiras começavam a fazer um molho. Os centuriões das unidades seguintes abrandaram o passo e a coorte começou a andar com dificuldade, a água a subir firmemente quase já estava a meio caminho do peito. Vitélio apercebeu-se que se estavam aproximar da margem oposta, a cinquenta passos de distância, e do outro lado daquela massa erguida para servir de fortificação das forças Bretãs a protegerem o vau.

Subitamente ouviu-se um grito agudo à frente, depois mais alguns, a fila da frente encontrava a primeira série de obstáculos submarinos, várias fileiras de estacas enterradas no leito do rio.

— Sair de formação! — Gritou o centurião-chefe, o mais lato que podia. — Sair de formação e tenham cuidado com o raio desses espigões! Quando os encontrarem, puxem-nos e continuem!

A linha avançada vacilou e depois parou, enquanto os homens da Primeira Coorte faziam a sua travessia, parando para tirar as estacas, dois ou três homens de cada vez. O caminho foi ficando gradualmente limpo e a linha avançada continuou a passar para trás uma mão cheia de feridos. A Primeira Centúria já tinha saído do rio e formava na margem enlameada quando as unidades seguintes passaram pela brecha sem estacas.

Geta virou-se para Vitélio com um sorriso forçado. — Temo que

as coisas vão começar a aquecer, portanto mantenha esse escudo bem para cima!

Os trirremes pararam de bombardear e o ruído de dardos e rochas a voarem pelo ar cessaram. A trajectória plana era agora demasiado próxima das cabeças da infantaria para poderem continuar. Assim que a barragem de artilharia parou, ouviu-se um grande rugido e o zurro de trompas de guerra dos Bretões por trás das fortificações. Ao longo da toda a paliçada o inimigo ergueu-se e preparou-se para defrontar os seus atacantes. Um estranho som vibrante encheu o ar, e antes dos Romanos poderem reagir, a primeira salva de tiros de funda embateu na fileira dianteira da coorte, atirando homens ao solo enquanto a mistura perversa de pedras e chumbo atingia os alvos. Vitélio levantou o escudo mesmo quando um projectil atingiu a bossa, o impacto sacudia cada osso e nervo até ao cotovelo tirando-os do seu entorpecimento. Olhando em redor viu que a Primeira Coorte fora atirada ao chão, abrigavam-se o melhor que podiam contra a fuzilaria. Mas a linha curva da fortificação significava que o fogo provinha de três lados e continuava a reduzir gradualmente os atacantes. Ao mesmo tempo, a Segunda Coorte estava a emergir do rio. A não ser que se fizesse algo imediatamente, o ataque desmoronar-se-ia numa massa pesada que proveria aos atiradores Bretões os melhores alvos possíveis.

Geta estava aninhado ao lado de Vitélio no meio do corpo de comando. Verificou a presilha do seu elmo, segurou o escudo perto e levantou-se. — Primeira Coorte! Formação tartaruga pelas centúrias!

A ordem foi retransmitida em voz alta pelo centurião-chefe e os homens de cada centúria foram empurrados para trás pelos seus centuriões. Os homens aperceberam-se que a tartaruga era a melhor hipótese de sobreviver ao ataque, e formaram rapidamente a parede e o tecto com os escudos protectores. O corpo de comando abrigou-se por trás dos escudos dos guarda-costas de Geta e viram a

tartaruga marchar em direcção às fortificações, sob constante, mas eficaz, bombardeamento. Quando as centúrias seguintes alcançaram a margem receberam a mesma ordem e todas as formações foram enviadas para diferentes secções das defesas. O solo lamacento entre o rio e as fortificações estava espalhado de mortos e feridos. Aqueles que podiam abrigavam-se com os escudos contra os mísseis Bretões que girava pelo ar. Vitélio estava tomado por uma sensação doentia de medo e excitação quando a Primeira Coorte alcançou o fosso exterior e, esforçando-se por manter a formação, oscilavam lentamente por cima na extremidade.

Quando a tartaruga atingiu o declive da paliçada uma ordem firme foi dada. A formação dissolveu-se e cada homem trepou as fortificações em direcção aos guerreiros Bretões lançando gritos de guerra por baixo dos seus estandartes ondulantes. Com a inclinação íngreme contra eles e atafalhados com equipamentos pesados, os legionários pagaram um preço alto. Muitos foram varridos pelos golpes das longas espadas e machados dos Bretões, e caíram no fosso, arremessados por cima dos seus companheiros enquanto caíam. Aqui e ali uma mão cheia de homens forçavam o caminho por entre ou sobre a paliçada, mas a diferença dos números estava contra eles e estes bravos foram rapidamente submergidos e lançados encosta abaixo.

O combate espalhou-se ao longo do muro mas as outras coortes não fizeram melhor e o número de corpos Romanos espalhados pelo declive aumentava cada vez mais.

— Senhor, devemos retirar? — Perguntou Vitélio ao legado.

— Não. As ordens são claras. Continuamos até Vespasiano atacar a retaguarda deles.

Os oficiais assistentes do legado trocaram olhares apreensivos. A Nona estava a ser cruelmente punida por ter atacado de cabeça; estavam a sangrar até à morte enquanto esperavam pelo ataque da

Segunda Legião. Olhando em redor, Geta pressentiu a dúvida dos seus homens.

— A Segunda vai acabar a qualquer momento. Só temos que aguentar até lá.

Mas Vitélio já podia detectar uma mudança no combate ao longo da paliçada. Os legionários já não se esforçavam em subir o declive, estavam a ser obrigados a fazê-lo pelos seus Centuriões, empurravam-nos para o ataque pelos golpes das mocas. Em alguns locais os homens estavam mesmo a cair da paliçada, por causa do esforço e lentamente, mas certamente a perder a vontade de continuar a luta. Os sinais eram claros para todos no corpo de comando. O ataque estava a desmoronar-se à frente deles.

Se Vespasiano não lançasse o ataque imediatamente os esforços dispendiosos da Nona teriam sido em vão.



— Porque é que não a

— Porque não rec ns, — respondeu Macro severamente. — E devemos ficar bem sentados e quietos até ordem em contrário.

— Mas, senhor, olhe para eles. A Nona legião está a ser massacrada.

— Eu sei muito bem o que se está a passar, rapaz, mas está fora das nossas mãos.

Deitados de barriga para baixo na mata que crescia ao longo do cume da encosta, a linha da Sexta Centúria olhava sem nada poder fazer para os Bretões a aplanarem o ataque da Nona. As coortes da Nona que restavam já estavam a fartas da luta desesperada. Para o optio inexperiente aquilo era uma agonia insuportável. A pouco mais de uma milha os seus companheiros estavam a ser chacinados enquanto tentavam tomar de assalto as fortificações. E a menos de cem jardas atrás dele os homens da Segunda Legião sentavam-se em silêncio ocultos pelas sombras das árvores. Com uma simples ordem eles podiam descer a encosta, apanhar os Bretões entre as duas Legiões e esmagá-los completamente. Mas a ordem não fora dada.

— Aí vem o legado. — Macro acenou a cabeça para o declive junto às árvores. Vespasiano vinha a correr na direcção deles, o elmo enfiado debaixo do braço. A poucos passos da linha o legado deixou-se cair e rastejou para a beira de Macro.

— Como estão a correr com a Nona, Centurião?

— Nada bem, senhor.

— Algum sinal do movimento nas reservas inimigas?

— Nenhum, senhor.

Atrás das linhas Bretãs milhares de homens estavam sentados, esperando calmamente a ordem para combater. Vespasiano sorriu

com uma irónica admiração em relação à calma do general inimigo. Carátaco sabia o valor da manutenção de uma reserva fresca à mão e tinha um controlo firme sobre a sua coligação de soldados tribais. A caça egoísta da glória tribal conduziu à destruição de mais do que um exército céltico no passado. Carátaco até tinha resistido ao isco Bataviano que Pláucio oferecera. Apenas alguns homens tinham sido enviados para repelir os auxiliares Romanos e empurrá-los contra o rio. Ali, há distância, bem para além das fortificações que defendiam o vau, um movimento confuso de homens e cavalos mostrava a dificuldade dos Batavianos.

Vespasiano afastou-se do espectáculo. A compaixão pelos seus companheiros impelia-o a ordenar à sua legião que carregasse em auxílio. Mas essa tentação fora prevista por Áulio Pláucio, e o general realçara que as suas ordens tinham que ser seguidas à letra. A Segunda tinha que se manter escondida até que Carátaco convocasse as reservas para defender as fortificações. A ordem para avançar seria dada pelo congregado de trombeteiros do quartel-general na margem Romana. Só quando os Bretões estivessem totalmente envolvidos em combate é que Vespasiano seria autorizado a lançar o ataque. Só nessa altura.

Vespasiano reparou que o *optio* lhe estava a lançar um olhar amargo, e para enfatizar o rapaz deu um aceno imperceptível para a encosta abaixo. O gesto insubordinado era deliberado, mas também compreensível e Vespasiano esforçou-se para deixar passar.

— Desejoso por começar, jovem Cato?

— Sim, senhor. Assim que possamos, senhor.

— Boa, rapaz! — Vespasiano bateu-lhe no ombro antes de se virar para o centurião. — O corpo de comando está ali dentro do bosque. — Apontou para o local onde o corpo de comando da legião estava a falhar por não se fazer notar na orla das árvores. — Se houver algum desenvolvimento no rio, envie-me um mensageiro imediatamente.

Enquanto o legado rastejou às arrecuas a encosta, sentiu os olhos da Sexta Centúria a segui-lo com o ressentimento que todos os soldados sentem pelos oficiais superiores que parecem sacrificar os seus homens sem necessidade. Claro que era injusto, Vespasiano recebera ordens e não podia fazer nada para alterar a situação. Ele partilhava o olhar zangado de Cato e gostaria de ter explicado ternamente o plano de batalha do general e demonstrar porquê que os homens da Segunda tinham que ficar sentados a ver os seus companheiros a morrer. Mas partilhar tais confidências com um *optio* era impensável.

O corpo de comando moveu-se ainda mais indiscretamente em direcção à orla das árvores à medida que o legado se aproximava.

— Que diabo estão vocês a fazer? — Gritou zangado. — Dei-vos ordens para se manterem fora do campo de visão! — Quando já estavam de novo no meio das árvores, o legado chamou os oficiais superiores para a sua beira.

— Quero a legião a vinte passos do cume da encosta. Devem ficar em formação prontos para entrar em combate, e para avançar assim que eu dê ordem. O corpo de comando comigo.

Enquanto os tribunos e os centuriões superiores dispersavam para passar as ordens ao resto da legião, Vespasiano conduziu o corpo de comando para o lugar indicado e uma linha de batalha foi rapidamente demarcada com pequenas estacas pintadas de vermelho próprias para o efeito. Deixando os oficiais assistentes entregues aos seus serviços, o legado voltou a juntar-se à Sexta Centúria e ficou horrorizado por ver as novas pilhas de corpos romanos espalhadas no lado errado das defesas do vau. Na margem oposta do rio outra Legião, a Décima Quarta, marchava em passo rápido em direcção aos bancos de areia para auxiliarem a Nona. Enquanto a Primeira Coorte mergulhava na corrente frouxa, passando a coluna de feridos de volta para as linhas romanas, Cato levantou-se na erva alta ao lado do legado, içando o

pescoço para ver melhor.

— Abaixa-te, idiota!

Cato obedeceu instantaneamente e depois virou-se para o legado.
— Senhor! Está a ver? O rio está a ficar mais fundo.

— Mais fundo? Tolice! A não ser que a maré...

O legado olhou rapidamente e olhou atentamente para o rio. O optio tinha razão, estava mais fundo. Vespasiano podia ver que a maré ameaçava tornar o vau intransponível. Quando a Décima Quarta tivesse atravessado, a água estaria demasiado profunda para permitir uma retirada. Com um temor frio apercebeu-se que isto era algo que ninguém tinha considerado na noite anterior quando o general reviu o plano. Certamente vê-lo-ia agora. Certamente iria ordenar o sinal de avançar antes que duas legiões romanas fossem apanhadas na zona da matança no lado Bretão do rio. Mas não houve quaisquer sinais de trompeta, nenhum ruído agudo das buzinas para impedir os homens da Décima Quarta de partilharem o destino da Nona. Em vez disso, a legião passou o vau com dificuldade, de peito feito na corrente forte.

— Pobres bastardos! — Murmurou Macro. — Vão ser crucificados.

As fileiras desordenadas da Décima Quarta debateram-se ao longo do rio. A água dava quase pelo pescoço e os observadores no cume da colina podiam imaginar muito bem o medo dos homens lá em baixo. E continuava a não ouvir-se qualquer sinal.

Atrás das linhas inimigas passou a palavra da nova ameaça que se aproximava das suas fortificações e as tribos movimentaram-se para o topo da leiva de terra para assistirem à chegada da outra legião. Qualquer sentido de organização que os chefes se esforçassem por manter dissolveu-se rapidamente à medida que os Bretões corriam por entre as passagens grosseiras para ajudarem os seus companheiros na defesa da paliçada.

Vespasiano viu como densas colunas dos seus homens emergiram da floresta e se colocaram em posição. Mais alguns momentos e todos estariam prontos. Os seus ouvidos distenderam-se na tentativa de ouvir o primeiro som das trompetas ordenando o avanço da Segunda. Mas o ar manteve-se carregado com os sons da batalha em baixo, sem ser cortado por nenhuma trompeta. Quando a Segunda Legião completou a formação e ficou pronta para o ataque, os defensores da paliçada tinham sido engolidos por outros milhares que gritavam pelo seu quinhão no banho de sangue. E continuava a não ouvir-se trompetas.

— Algo não está bem.

— Senhor? — Macro virou-se para ele.

— Já devíamos ter ouvido as trompetas do quartel-general.

Então um pensamento aterrador ocorreu a Vespasiano. Talvez não tivesse ouvido o sinal. Talvez a ordem já tivesse sido dada e os homens lá em baixo no rio estivessem desesperadamente a olhar para a encosta em busca de um sinal de alívio.

— Algum de vocês ouviu alguma coisa enquanto estive com o corpo de comando? Algum sinal?

— Não, senhor, — respondeu Macro, — Nada.